

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

C  
U  
B  
A



Relevo  
Pensar

A ILHA QUE RESISTE

2ª Edição

ReMediator  
Pensar

CUBA

A ILHA QUE RESISTE

Copyright© 2022 Editora Repensar  
Produção Editorial: Editora Repensar  
Editor Responsável: Mara Vahl  
Projeto Gráfico e Diagramação: Mara Vahl  
Ilustrações: o autor  
Revisão: o autor

As ideias e opiniões expressas neste livro são de exclusiva responsabilidade do autor, não refletindo, necessariamente, a opinião desta Editora, que não as aprova, nem reprovava

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, físico ou digital, inclusive quanto às características gráficas e/ou editoriais.

A reprodução parcial, para fins acadêmicos, citada a fonte, é permitida.

A violação de direitos autorais constitui crime, sujeitando quem praticá-la a sanções penais, busca e apreensão e indenizações diversas.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Repensar.

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C837c COSTA, José Ricardo Caetano, 1965 -  
CUBA: A ilha que resiste 2 ed. / José Ricardo Caetano  
Costa. - Pelotas : Repensar, 2022

146 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-998106-1-9. LIVRO FÍSICO

ISBN: 978-65-998106-0-2. LIVRO DIGITAL

1. Cuba. 2. Sociografia. Justiça Social.

I. Título

CDU: 308(729.1)

CDD: 306

JOSÉ RICARDO CAETANO COSTA

# CUBA

## A ILHA QUE RESISTE

**2ª edição**

**Pelotas  
EDITORA  
REPENSAR**

**2022**



## *Agradecimentos*

*À Universidade Central “Marta Abreu” de Las Villas, na pessoa de meu orientador de pós-doutorado, Prof. Dr. Edgardo Ricardo Romero;*

*À minha segunda família em Cuba, representada pelo Prof. Jaime Garcia Ruiz, pelo acolhimento e o carinho com que me recebeu.*





“Chamo de socialismo todas as tentativas que dizem que o homem tem que caminhar para a igualdade, que ele é o criador das riquezas e que não pode ser explorado.”

**Antônio Candido**



# SUMÁRIO

1 A ILHA QUE DESAFIA.....	15
2 PREPARATIVOS DE UMA VIAGEM EM TEMPOS DE COVID-19.....	21
3 OUVINDO OS SINAIS E ACIRRANDO OS SENTIDOS.....	25
4 DE HAVANA À SANTA CLARA: UMA VIAGEM NO TEMPO PRESENTE.....	31
5 OPS! A PANDEMIA AINDA NÃO ACABOU.....	39
6 E TINHA UMA “MAGRELA” PARA TRILHAR NOVOS CAMINHOS.....	43
7 UMA CIDADE QUE RESPIRA E INSPIRA A REVOLUÇÃO .....	47
8 MARTA ABREU DE ESTÉVEZ: BENFEITORA E PATRONA DE SANTA CLARA.....	53
9 UNIVERSIDAD CENTRAL “MARTA ABREU” DE LAS VILLAS.....	57
10 E TINHA UMA EMPILHADEIRA NO MEIO DO CAMINHO .....	63
11 O MUSEU E MEMORIAL DE CHE GUEVARA EM SANTA CLARA.....	67

12	DEMOCRACIA, RESISTÊNCIA E PODER POPULAR EM CUBA.....	73
13	O PROCESSO CONSTITUINTE DE 2018 E A CONSTITUIÇÃO CUBANA DE 2019.....	77
14	O SISTEMA DE SEGURIDADE E SEGURANÇA SOCIAL A PARTIR DO MODELO SOCIALISTA CUBANO.....	81
15	DESMISTIFICANDO OS MITOS.....	89
16	UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA E HUMANISTA..	97
17	CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO: UMA ILHA QUE SE ATREVE A DESENVOLVER SUAS VACINAS CONTRA O COVID-19.....	103
18	A ÚLTIMA MANHÃ NA CIDADE DE MARTA ABREU E DE CHE GUEVARA E O RETORNO AO BRASIL.....	107
	ANEXOS.....	115

*A pandemia me confinou em Cuba.  
Bastou alguns minutos para minha mente aflorar e se libertar.  
As palavras lavraram a terra quase que infértil,  
A semente germinou e produziu estas crônicas.  
Não há pandemia, isolamento ou confinamento  
Que vedará a liberdade de pensamento.  
Gramsci já dizia que não se aprisionam as ideias.  
Ele tem autoridade para dizer isso. Escutei sempre Gramsci!  
Cuba, esta Ilha que Resiste, acerta nas medidas sanitárias.  
Na crença de que somente a Ciência pode nos salvar  
E na tentativa de trilhar um caminho alternativo ao capitalismo.*



## **1 A ILHA QUE DESAFIA**

Cuba sempre esteve no ideário de toda minha geração, especialmente quando nos referimos a uma geração que acreditava/acredita no socialismo em suas múltiplas facetas: social, econômica, política, organizacional etc. E cada vez que ouvíamos o argumento de que o socialismo não deu certo, de imediato indagávamos ao interlocutor em que parte do mundo o capitalismo deu certo?

Paradoxalmente, o capitalismo apresenta seus piores resultados, sob o ponto de vista humano, justamente nos Estados Unidos da América, que representa seu maior expoente. Bem ali na sua frente, dividida por um gigante oceano, encontramos a pequena, mas valente Cuba que resiste a esta modelagem desde a Revolução de 1959.

Fruto deste processo de resistência ao nefasto sistema capitalista, a pequena Ilha caribenha sofre um bloqueio que não é somente econômico, como buscarei demonstrar no decorrer destas crônicas.

Com efeito, há de se ressaltar que a ideia central deste pequeno livro não é realizar nenhum trabalho acadêmico, desses em que perfilamos centenas de autores para justificar nossas teses. Nada disso! Quero trazer, em forma de crônicas, um pouco do cotidiano desse povo que ainda diz um sonoro NÃO ao capitalismo.

Essa possibilidade foi aberta no começo de 2021, quando a pandemia trazida pelo Covid-19 passou a ter seus primeiros casos no

Brasil, diante do meu aceite para realizar estudos de pós-doutoramento na Universidad Central “Marta Abreu” de Las Villas, em Santa Clara.

Por coincidência, ou não, foi justamente em Santa Clara que ocorreu a última batalha que consagrou a Revolução Cubana, sob a liderança de Camilo Cienfuegos e Che Guevara. Os restos mortais de Che Guevara encontram-se aqui, como demonstrarei em crônica destinada aos monumentos da Revolução.

Se a pandemia abriu espaço para um estudo híbrido, também impossibilitou a primeira ida à Cuba em 2020, para participar da II Convención Científica Internacional da UCLV, quando o evento teve o formato remoto devido à pandemia.

Hoje, em 10 de fevereiro de 2022 estou chegando em escala no Panamá, com destino à Santa Clara para cumprir com a parte presencial de meus estudos, tempo este que aproveitarei para também escrever estas crônicas.

Em voo da Copa Airlines, repleto de brasileiros com seus dólares e tarjetas eletrônicas, eu disto-o deste público. Na conversa com alguns compatriotas indaguei o seu destino. Sempre o mesmo: Miami. Eu, muito tímido, mas orgulhoso, respondia em contrapartida que iria para Cuba. Sem dólares, com poucos euros, sem tarjetas eletrônicas e sem participar de uma viagem guiada por agências turísticas. Graças à gentileza do Prof. Jaime Garcia Ruiz, professor de economia da Universidad Marta Abreu, que me abriu espaço em sua habitação para que possa viver, juntamente com sua família, vou me permitir experimentar o dia a dia deste povo.

Sabia, desde o começo, que se fosse como um turista, na expressão que esta palavra representa, não poderia colher as impressões que busco na presente investigação. As visitas seriam previamente estabelecidas e guiadas. O acesso aos bens e serviços



seriam diferenciados. O tratamento que um turista recebe deve, por certo, ser em outro padrão, até mesmo para fomentar esse setor que representa um expressivo ingresso de divisas para a Ilha. Não é isso que queria, com certeza.

Por outro lado, incertezas de quem faz uma viagem sozinho, sabendo que também a internet deixará de funcionar e o contato externo escasseara brevemente.

O longo percurso, que está possibilitando o nascimento destas primeiras linhas, envolve uma breve pausa no Panamá para troca de aeronave, bem como, chegando à Havana, mais cinco horas de ônibus até meu destino final em Santa Clara.

Fiz uma opção, diante do pouco tempo que tenho (exatos 14 dias), em permanecer integralmente no interior da Ilha. Penso que a província de Santa Clara, o qual dedicarei uma das crônicas, é intermediária entre um centro como Havana, capital, e outra cidade de pequeno porte.

Não há dúvidas que meus compatriotas que buscam o acesso material aos bens e produtos produzidos pelos trabalhadores e ofertados abundantemente em Miami, mediante sua compra, estão em uma posição oposta à minha.

Meu interesse, ao contrário, é buscar uma compreensão mínima desse sistema não capitalista que desafia há décadas o capitalismo bem à sua frente. E as indagações são muitas e diversas. Percorrem desde o funcionamento do próprio sistema de justiça até às questões ecológicas, de gênero etc.

A lista pode começar com as seguintes indagações pontuais:

- A começar pelo combate à pandemia trazida pelo Covid-19 e as medidas sanitárias adotadas, como Cuba está tratando essa

pandemia que assola toda a humanidade, podendo inclusive devastá-la?

– Ainda sobre a pandemia em curso no mundo ao tempo em que escrevemos estas crônicas (segunda semana de fevereiro de 2022), interessa-me investigar o papel da ciência cubana pela busca de vacinas próprias, bem como o papel da própria medicina neste contexto;

– Como funciona o sistema cubano no que respeita a produção e comércio dos bens e serviços, uma vez que o lucro e a acumulação não são os pontos que movem o sistema?

– Como opera e se organiza o sistema de justiça?

– Como ocorre o acesso à informação e a liberdade de expressão nesse sistema?

– Interessa-me investigar como se dá o processo de representação democrática, bem como a forma de remuneração dos exercentes de cargos políticos;

– De que forma o bloqueio norte-americano vem afetando a vida do povo cubano, entre outros temas.

Não tenho o interesse, porém, de investigar todos estes pontos a partir de um estudo acadêmico, como disse antes. Pretendo, de forma mais suave e branda, adentrar no cotidiano vivido para, a partir da realidade própria, apresentar a narrativa em forma de crônicas.

Esta perspectiva só é possível porque o Prof. Jaime Garcia Ruiz e sua família me recebem em sua habitação, permitindo que eu possa fazer estas incursões.

Acredito que minhas impressões, por sua vez, possam contribuir para um olhar mais fiel da realidade cubana, especialmente quando o absurdo e autoritário bloqueio estadunidense não implica somente em restrições econômicas. Uma boa parte das notícias que

## ===== CUBA – A ILHA QUE RESISTE =====

nos chegam da Ilha caribenha não condizem com a verdade dos fatos. Há uma nítida distorção e uma intenção de desmoralizar o sistema cubano.

Se conseguir, por meio destas narrativas em forma de crônicas, lançar um olhar mais fiel à realidade que pretendo investigar, por meio de uma experiência vivida intensamente, creio me dar por satisfeito.



## **2 PREPARATIVOS DE UMA VIAGEM EM TEMPOS DE COVID-19**

Passou a ser um imenso desafio realizar uma viagem internacional diante da pandemia mundialmente estabelecida. Para os brasileiros, entretanto, os dissabores são ainda maiores. Com um governo que desacredita na ciência, propagando medicamentos comprovadamente ineficazes para combater o Covid-19, o cumprimento das mínimas regras sanitárias passa por um enorme desafio.

A começar pela obrigatoriedade da vacinação completa. Se por um lado o desastroso governo de Jair Bolsonaro prega a faculdade da vacinação, por outro o mundo inteiro passou a exigir a vacinação até para frequentar lugares públicos. Isso implica que para viagens internacionais, o sistema obriga a apresentação do passaporte vacinal ou de documento similar em que conste a vacinação completa.

Tal como o Uruguai, que exige o comprovante de vacinação e o teste de PCR nas 72 horas antes da viagem, Cuba igualmente mantém este procedimento.

Já vacinado com as três doses, por acreditar que somente a ciência dá as respostas para as doenças e patologias, mormente em se tratando de uma pandemia global, busquei a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para as informações corretas. Para surpresa, descobri que a única agência na nossa região é em Rio Grande, zona portuária ao sul do Rio Grande do Sul.

A ANVISA ganhou não somente notoriedade, como também um mínimo de respeito, no processo ainda em curso da pandemia no Brasil.

Soube ser firme, embora contrariando os interesses palacianos, quando necessitou ser. Esperava, portanto, ter a agência em minha cidade de Pelotas, mas me contentei, diante do cenário de terra arrasada legada pelo governo neo-reacionário-liberal atual para com todas as políticas públicas, em ir até a vizinha Rio Grande para obter as informações. Minhas expectativas foram frustradas. Aliás, sabemos da seriedade com que os governos tratam das políticas públicas quando lá na ponta, justamente no atendimento ao público, temos a sua real dimensão.

Com efeito, acreditando encontrar uma grande e eficiente estrutura, o googlemaps me conduziu a um prédio com aparência de abandonado, na zona central portuária de Rio Grande. Lá, na entrada, um senhor de meia idade, mal acomodado em uma pequena mesa de madeira à sombra de uma frondosa árvore que o protegia dos raios solares, sorriu e orientou-me a seguir as escadas que davam ao segundo andar. Lá encontraria um servidor que me passaria as informações solicitadas. A aparência do prédio não condiz com a grandeza e a importância que se espera desta Agência, especialmente em uma zona portuária em que a saúde e o cumprimento das regras sanitárias são fundamentais. O servidor, por sua vez, atende-me com uma gentileza e educação incomum. Empenha-se em responder minhas indagações, mas não consegue avançar um palmo sequer. O Atestado Nacional de Vacinação ou Profilaxia, para demonstrar a vacinação contra a febra amarela, não pode ser emitida por ele. Descobri, na conversa amigável que se instaurou, que a agência possui somente mais outro funcionário. O que vale dizer que, na região sul inteira, a ANVISA possui dois servidores públicos para

dar conta desse universo, ampliado ao infinito diante da pandemia que ainda não acabou. Agradei a forma como fui atendido, muito embora sem nada resolver, enaltecendo o papel que a ciência e dos servidores públicos neste momento pandêmico.

Retornando no dia seguinte à Rio Grande, consegui no Posto IV, do SUS, a emissão deste Atestado, cujo servidor municipal que gentil e competentemente me atendeu, me forneceu o documento que necessitava para viajar no dia posterior. Também me informou que em um raio de 400 km ele é o único a realizar esse procedimento. Inacreditavelmente.

Pensando que estava tudo certo, em termos de documentação, para a sonhada viagem à Cuba, busquei o CONECTSUS para imprimir meu cartão vacinal. Já sabendo dos ataques hackers ao sistema, meu receio se transformou em pesadelo: simplesmente tinha sumido do sistema a segunda dose da vacina da AstraZeneca, permanecendo a primeira e a dose de reforço. Com isso aparece no sistema que a imunização está incompleta e não é emitido o documento comprobatório.

É de todo lamentável esta incompetência da gestão compartilhada do SUS (Estado, União e os Municípios), mormente quando é impossível que um cidadão tome uma primeira dose, não faça a segunda e consiga fazer a terceira destinada ao reforço. Ato simples, uma vez inserida no sistema, com os dados fornecidos pela Carteira do SUS, tudo certo para imprimir o atestado e permanecer com a documentação em dia.

Não tinha a dimensão de que estes documentos seriam fundamentais para que pudesse ingressar e permanecer em Cuba, diante do rígido controle sanitário que a Ilha impôs deste o começo da pandemia, aliada a produção de vacinas próprias (Abdala,

Soberana, etc.), que a conduziram a índices excelentes no controle do Covid-19.

Menos noção teria de que minha entrada no País Socialista seria tão tranquila, diante de todos os documentos sanitários exigidos, mas que teria mais adiante outra exigência decorrente da pandemia.



### **3 OUVINDO OS SINAIS E ACIRRANDO OS SENTIDOS**

Quando viajamos somos diferentes. Ou talvez passemos a ser o que somos e não demonstramos. A falta de tempo, como se não tivéssemos a opção em estabelecer a ordem prioritária de nossas preferências e ações, a correria absurda para manter-se em um sistema capitalista cujas necessidades criadas são inatingíveis, tornamos irreceptíveis aos sinais, aos movimentos, aos afetos, aos sentimentos.

A observação, por sua vez, é uma atividade que aguçamos quando estamos a esperar. A esperar na fila, ao ônibus que não chega, à hora de ser chamado. Atento aos sinais, observei na rodoviária de Pelotas, cidade em que resido há quase quatro décadas, uma quantidade grande de andarilhos, que ao contrário dos demais que tem um rumo e direção, só possuem como referência aquele ponto de paragem. Todos passam. Eles permanecem. As vezes desaparecem. Aparecem de novo. Assim sucessivamente até sumirem de vez.

Mas não somente andarilhos e sem direção encontramos. A crise econômica pela qual passamos, especialmente pelo desmantelamento de um Estado Social quase desenhado nos governos de matiz petista, agravou o quadro da população mais vulnerável. A pandemia, por sua vez, aguça intensamente este cenário. É nesse contexto que encontrei um artista que estava oferecendo a venda de seu CD. Vestido a rigor no traje de gaúcho, de

alparcatas, bombacha e lenço vermelho maragato no pescoço, ofertava seu trabalho artístico. Outro artista, tatuado e de cabelos compridos, oferecia em um mural improvisado os brincos e adornos que ele mesmo produzira, quebrando a lógica do capital que se baseia na exploração do trabalho humano e da mais-valia acumulada. Muitos, mas muitos pedintes que buscam qualquer centavo que seja. Estes, diferentes dos primeiros andarilhos que no mais das vezes sequer possuem força física para pedirem ajuda, se despem de qualquer sentimento e curvam-se para pedirem as miseráveis moedas, entoando frases prontas com efeitos místicos: “que Deus lhe dê em dobro”; “Deus o ajude”; “em nome de Jesus...”. Nunca, Deus e Jesus Cristo foram tanto citados em um mundo capitalista tão desumano e selvagem.

Antes de embarcar, já de mala em direção ao ônibus cuja fila crescia, um cidadão pediu minha atenção. Pela fala inicial, de pedido de desculpas pelo incômodo, percebi a língua espanhola fortemente marcada, por trás de um portunhol que desesperadamente tentava uma comunicação exitosa. Humildemente, o cidadão que atendia pelo nome Ramirez me disse que vinha de outra cidade (a qual não recordo o nome), indo para Rio Branco (cidade fronteira à Jaguarão, a qual nasci nos idos de 1965), tendo lhe faltado R\$ 9,00 para a passagem do ônibus. Disse a ele que procurou a pessoa certa, por ser natural de Jaguarão e até hoje ter contato com a cidade pelo exercício da advocacia privada. Passei uma nota de dez reais, com um sentimento de que fiz o menos, pois poderia também o ter auxiliado a comprar algum alimento. Sabemos que quando falta dinheiro para uma passagem, e vi quando ele foi ao balcão para comprar a mesma, também falta para outros bens materiais de primeira subsistência. O capitalismo não perdoa nada, nem mesmo o direito básico de ter uma alimentação diária para manter-se vivo. De qualquer modo, pelo menos estará em casa em poucas horas, e isso aliviou meu pesar.

Quem teve a paciência de ler até agora esta crônica, deve estar se indagando o que tem a ver esta narrativa da vida real, tal como ela se apresenta, com Cuba. Afinal, este é o mote de minhas reflexões a partir da viagem de estudos empreendida pela Ilha que Resiste.

Por certo que há uma ligação, pelo menos que eu traço em minha mente, a partir de tudo que li do modo de organização societária em Cuba.

No avançar destas crônicas, a partir das temáticas que irei abordar, penso que poderemos estabelecer uma conexão entre os modos de vida que enfatizo. Até mesmo porque eu não sei as respostas para as várias indagações que tenho ao escrever estas crônicas. Tal como nossos projetos acadêmicos de pesquisa em que estabelecemos o problema ou a hipótese inicial, somente no curso do trabalho de pesquisa é que teremos a confirmação ou refutação da nossa ideia inicial.

Seguindo atento aos sinais, percebi ao longo da viagem que a língua espanhola, a mesma que encontrei no cidadão uruguaio que me pedira ajuda, se fazia presente em músicas alegres e festivas escutadas pelo cidadão que estava sentado atrás de minha poltrona, ao lado direito da janela do ônibus.

Se aquela música para mim soava como um prenúncio da “Salsa” e do “Son” que esperava encontrar na Ilha Socialista, para alguns outros passageiros parecia incomodar, especialmente quando intencionavam dormir splendidamente na viagem até Porto Alegre.

Eu, já curioso, pensei que estava diante de mais um cidadão uruguaio, ou talvez argentino, que saudoso de suas origens as vezes cantava junto os refrões das músicas. Por vezes até conseguia avançar e cantá-las em sua integralidade. A música, assim como a poesia e as artes em geral, possui uma magia inexplicável racionalmente. Por vezes não ouvimos uma música há mais de

décadas. Basta escutar um começo que nossa mente prodigiosamente desenrola o novelo inteiro, com alguns espasmos naturais. Isso não ocorre com as teorias que estudamos. São no mais das vezes um artigo necessário para passarmos nas provas. Tão logo as usamos elas simplesmente somem de nossa mente.

Quando chegamos em Porto Alegre percebi que permaneceu somente eu e o cidadão cantante no ônibus. Isso porque, por regra da zelosa empresa Embaixador, se tiver um passageiro que tenha por destino o aeroporto Salgado Filho o ônibus deixa neste destino.

Como não perco uma boa oportunidade de aproximação e no afã de fazer novos amigos, puxei também meu portunhol e estabeleci uma comunicação inicial. Por certo que falei da música com ele, indagando que ritmo era aquele. Claro que foi uma estratégia, bem-sucedida, pois saberia por meio desta informação qual era sua origem. Dito e feito! Suposição equivocada, não era uruguaio ou argentino, mas era latino-americano, de Colômbia, precisamente de Bogotá.

Como de costume quando nós nos abrimos ao “outro” que se nos apresenta, em sua outridade e estranheza, passou a narrar sua vida. Foi contratado pela empresa portuguesa Porto 5, para trabalhar na construção civil em Pelotas, junto com outros dez colombianos, estando há nove meses em minha cidade. Deixou em Bogotá uma esposa com dois filhos pequenos, sendo que o último, de quatro meses, ainda não o conhecia. Mostrou-me no celular a foto dos pequeninos, enfatizando as fotos muito fofas do filho que ainda não conhecera.

Se chamava Jorge Luiz, estando de partida de Pelotas devido à baixa remuneração, consequência da desvalorização do real e do aumento do custo de vida em nosso País. Justificou-me que não

conseguia mais manter-se e, ao mesmo tempo, enviar algum dinheiro para sua família na Colômbia.

A vida de Jorge é a de milhares de trabalhadores imigrantes, que deixam seus lares e, como ele, por vezes nem conhecem seus filhos, em busca de trabalho e dignidade.

E Jorge me acompanhou até o Panamá, quando nos despedimos saudosamente e já amigos no Facebook. Curiosamente, pegamos o mesmo voo, o que permitiu tomarmos alguns cafês a preço de ouro (os quais fiz questão de pagar como cortesia, pois sabendo das dificuldades do simpático rapaz), dando continuidade a uma boa conversa.

Do Panamá à enigmática e instigante Cuba. Expectativas e apreensões, confesso. A escolha feita que fugiu do esquema turístico, traz nestes momentos várias incertezas e medos. Sempre frisei ao amigo Prof. Jaime Garcia Ruiz, que não queria conhecer a Ilha de forma artificial. Por isso rechaçaria o uso dos pacotes turísticos, os quais direcionam deste a passagem aérea como o Hotel e os lugares a serem visitados.

Meu caminho foi o oposto disso. Comprei as passagens pela 1,2,3 Milhas. Aceitei gentilmente a estada com a família do Prof. Jaime, de modo que me propus a ajudar (contra sua vontade) nos custos gerados, ciente da grave crise financeira que atingiu também Cuba, especialmente quando a pandemia restringiu drasticamente o turismo que era sua principal fonte de ingresso de divisas. A longa ida de Havana à Santa Clara, que duraria em torno de quatro horas, seria de ônibus pela empresa VIAZUL. Assumi, por conta e risco, a produção de todos os formulários e procedimentos impostos pela pandemia.



#### 4 DE HAVANA À SANTA CLARA: UMA VIAGEM NO TEMPO PRESENTE

Ingressar em Cuba por conta e risco próprio, embora tenha impresso um comprovante emitido pela Universidade Central “Marta Abreu” de Las Villas, dando conta de meus estudos de pós-doutoramento, não diminuiu minhas expectativas e temores de algo dar errado.

A começar pelo esquecimento prévio, sanado pouco antes da viagem, de preencher o formulário de turista, obrigatório para ingresso no País, bem como o pagamento da “Tarjeta del Turista”, pago no aeroporto Salgado Filho antes do voo.

Afora isso, tinha recebido dos colegas professores cubanos uma encomenda de vários medicamentos que estão em falta, especialmente devido ao insano bloqueio norte-americano que coíbe o acesso aos insumos para o fabrico de medicamentos. Sabia, de antemão, que a política aduaneira é de permitir a entrada de medicamentos, com isenção inclusive de impostos. Ainda, despachei na mala maior alguns artigos de higiene pessoal e outros grãos (café em pó, nós moscada, chocolate em pó), itens também difíceis de achar.

Quando, no mundo ocidental, ouvimos falar do bloqueio desde 07 de fevereiro de 1962, patrocinado pelos EUA e seguido por vários países que o acompanham, não temos a dimensão exata do que essa política perversa afeta a vida cotidiana do cidadão que aqui vive. O

próprio pneu e a câmara da bicicleta que me foi gentilmente cedida como meio de transporte, foi possível porque despachei estes dois itens na mala que trouxe.

Com efeito, os trâmites burocráticos alfandegários no aeroporto José Martí foram tranquilos. De todos os aeroportos internacionais pelos quais passei, é o mais simples e modesto, refletindo o que é Cuba. Por outro lado, pela primeira vez vi uma atenção e preocupação com o controle sanitário em face do Covid-19. Sentadas em umas mesas similares às classes escolares, as zelosas e simpáticas enfermeiras colhiam todos os documentos sanitários exigidos, o que inclui o teste de PCR feitos 72 horas antes do embarque.

No formulário de viajante entregue online e o comprovante físico na entrada do País, o qual fica retido pela enfermeira, constava com exatidão o local e o lugar em que ficaria e habitaria nas duas semanas de estada na Ilha. Não sabia eu, porém, dos desdobramentos que teria esse importante controle e de rastreabilidade que é feito.

Superado este trâmite inicial, não tendo qualquer problema de passar pelo sistema do Raio-X os meus pertences, os quais inclui os diversos medicamentos que trouxe, procurei a sede da VIAZUL para trocar o bilhete de passagem comprado online.

Na espera de quase quatro horas entre a chegada no aeroporto e a partida via terrestre, uma frustração: não foram aceitas, nas poucas lancherias existentes, nenhuma das moedas que tinha: euro, dólar (só aceito no mercado informal, por razões óbvias) e o real (nossa empobrecida e desconhecida moeda). Salvo pelas bolachas recheadas alcançadas por minha zelosa irmã, Maria Regina. E pelas duas águas minerais despachadas na mala maior. Frustração superada pelo festival de carros antigos (muito antigos, diga-se), encontrados no estacionamento do aeroporto José Martí. Mas não só estacionados,



vez que circulando de forma desembaraçada, tal como aparecem nos filmes de época nas melhores construções cinematográficas.

Esse cenário belíssimo e pitoresco, de dar inveja à Ana Maria que possui um fusca vermelho ano 1972, é repetido por toda a Havana, bem como em Santa Clara. Após cansativas quatro horas de espera, estaciona um grande e novo ônibus da empresa estatal VIAZUL (frise-se que todas as empresas de transportes são estatais... pois estamos em... Cuba... não é?!).

Indago a um dos funcionários, devidamente “embecado” (com gravata, inclusive) todo de azul, fazendo jus ao nome da empresa estatal, se era o ônibus certo. Ao aceno de cabeça entendi que sim.

Percebi algo diferente na forma como se operava o embarque. Notei que não havia pressa de ninguém. Além disso, me chamou a atenção que as inúmeras malas que eram postas no enorme espaço de depósito não eram etiquetadas. Não entendi. Depois percebi que elas já eram etiquetadas na compra da passagem, sendo que o bilhete era conferido depois na entrega.

O primeiro ponto favorável de se fazer uma viagem de ônibus, em direção ao interior do País, é a vivência que temos com as pessoas comuns que usam esse meio de transporte para longas distâncias. Eu precisava disso. Vivenciar o cotidiano, ir vendo pela lente do próprio povo o modo de vida diferenciado que é um sistema socialista como o de Cuba.

A dificuldade de encontrar o assento certo, pois os números não eram correspondentes, ocasionou um baile de se senta e se levanta. Até que o motorista, simpático e bem-humorado, dirimiu a controvérsia. Estava sentado ao lado de uma senhora, de meia idade, com uma aparência de quem não dormira nas últimas 24 horas (assim como eu).

Não demorou mais do que cinco minutos para estabelecermos uma boa comunicação. Nosso silêncio acabou quando eu a ouvi dizer ao passageiro da frente que tinha saído do Brasil na tarde do dia anterior. Disse-lhe que era brasileiro e tinha saído de Pelotas as 16h do dia anterior.

Conversamos durante boa parte do percurso, afora os momentos em que ambos dormimos, cansados de um percurso longo que estava longe de terminar.

Descobri, de início, que se tratava de uma das milhares de médicas e médicos cubanos espalhados mundos a fora. A Dra. I, assim a chamarei, trabalhou no Programa Mais Médicos, até 2018 quando o desastroso (des)governo de Jair Bolsonaro desarticulou este programa.

Também como milhares destes profissionais, casaram-se e firmaram famílias nos países em que atuavam, não mais retornando para a Ilha.

Estava a visitar sua mãe, idosa, e seu filho de vinte e poucos anos que também estuda medicina. Há dois anos, devido à crise financeira, não retorna à sua pátria natal.

A Dra. I. seria importante fonte primária de minhas investigações. Era desenvolta, simpática e inteligente. Além disso não tínhamos problema de comunicação.

Após a saída do aeroporto, passei a presenciar um espetáculo, guiado pela minha nova amiga de viagem, pois passamos pelos principais monumentos e prédios que destacam a revolução e seus principais artífices, com especial atenção e destaque ao Che Guevara. A Plaza de La Revolución se destaca em todo esse cenário. Não tinha a mínima ideia de que encontraria os restos mortais do médico argentino que se tornou herói para este povo sofrido, justamente na cidade de Santa Clara em que permaneceria por duas semanas.

Nas ruas, muitos carros antigos, caminhões também antigos, motonetas e muitas, mas muitas bicicletas. Aliás, este último meio de transporte é o que mais me seduzia. Sabia que tinha uma “magrela” me esperando em Santa Clara. Bastava colocar os pneus e as câmaras e andar.

Na primeira parada, na garagem oficial da empresa estatal VIAZUL, introduzido no ambiente a partir do contato de minha colega de viagem, Dra. I., o simpático motorista veio conversar conosco. Havia uma queixa geral de que o custo de vida estava insustentável, uma vez que os baixos salários não podiam mais dar conta da satisfação dos bens de primeira necessidade. Por um momento pareceu-me até estar no Brasil, onde embora o salário-mínimo não seja tão baixo (algo em torno de 200 dólares), a moeda despencou e o custo de via subiu drasticamente.

Fiz uma conta rápida a partir de uma queixa quase que confidencial que o motorista nos fez: apontou para seu cinto, lustroso de tão novo, dizendo que gastou meio ordenado, ou seja 1.000 pesos cubanos. Algo que corresponde a 10 dólares, enquanto o salário-mínimo é de 20 dólares apenas (algo em torno de 2.000 pesos cubanos).

Com efeito, se fizermos uma comparação numérica simples, chegaremos à conclusão de que o salário-mínimo em cuba é cinco vezes menor que no Brasil. Por outro lado, aqui os assalariados arcam desde o imposto indireto (nos produtos e alimentos que consomem), como nas demais áreas (habitação, saúde, impostos diretos etc.)

Em meio a várias paradas, uma mais demorada de quase cinquenta minutos para uma refeição. No simpático local, há uns 100 km de Santa Clara, chamado Para Tí, podia-se comer pizza, pequenos baurus, cachorros-quentes, além de um aromático café. O

mais interessante é que não somente aceitam euros como os próprios preços estão expostos nesta moeda.

Minha colega de viagem sentou-se em uma mesa em frente, com outra recém conhecida. Animada pela possibilidade de comer uma comida quente e salgada após um dia e meio de viagem, antes de começar a deliciar-se apontou o dedo indicador para o prato e acenou positivo para mim. Oferecia-me um pedaço da iguaria, uma vez que compartilhei bolachinhas doces recheadas durante o longo percurso. Agradei a gentileza, na certeza de que em qualquer parte do mundo, os gestos de solidariedade são uma linguagem universal e infalível.

Pedi um café apenas, pois sabia que tinha um verdadeiro banquete com cerdo (porco) na casa de meu colega em Santa Clara. Do troco, fruto dos dez euros que alcancei, recebi uma grande quantia de notas de pesos cubanos. A satisfação de ter tanto dinheiro em mãos foi tamanha que indaguei à garçonne se teria como me cambiar mais 20 euros. De pronto operacionalizou a troca, sei lá se justa na equivalência da moeda. O que importa é que me alcançou mais 1.500 pesos e tive a sensação de ter alterado meu status de classe média para um verdadeiro magnata com o bolso recheado de pesos cubanos. Pensei que dali em diante não teria mais privações para comprar o que necessitava, além de meus sonhados charutos cubanos, claro.

Já perto de meu destino, minha colega de viagem acorda e me indaga se eu avisei ao motorista que ficaria em Santa Clara. A coitada teria mais uma madrugada inteira para viajar. Chegaria de manhã em sua cidade Natal, atravessando literalmente a Ilha caribenha. De pronto, percorri como um risco o estreito corredor do ônibus, vindo a acertar algumas cabeças com a mão que buscava

segurar-se na parte de cima dos bancos. Perdón, perdón... – me desculpei.

Obviamente que havia uma parada obrigatória em Santa Clara. De qualquer modo não relaxei até chegar e ver meu amigo com sua amável esposa, também servidora da mesma universidade em que leciona.

Não poderia dar errado a última etapa de meu planejamento.

E não deu, não fosse existir uma pandemia (ainda) em curso no mundo todo. E Cuba, por mais que alguns não queiram, faz parte desse mundo.



## **5 OPS! A PANDEMIA AINDA NÃO ACABOU**

As despedidas são sempre difíceis. Mesmo quando se conhece a outra pessoa por algumas horas, ou as vezes até menos tempo, é duro pensar que talvez não a vejamos mais. Assim o foi com meu amigo colombiano, que seguiu seu destino e sabe-se lá para onde irá depois, em busca de melhores condições de vida para si e sua família, assim também com a minha amiga médica cubana.

Ameniza ver o Prof. Jaime Ruiz e sua amável esposa esperando-me na estação rodoviária de Santa Clara. Deixei dois chocolates com a Dra. I., para que pudesse amenizar sua viagem na madrugada, despedindo-me à distância. Podia ver seu sorriso por detrás da máscara branca que usava.

Muito bom reencontrar Jaime, antigo amigo que já nos contemplou por duas vezes com sua presença e seu vasto conhecimento em economia e em marxismo. Sempre amável, falando a despacio um portunhol extremamente correto (risos).

Senti, como sentem os amigos quando se reencontram, que algo o incomodava, embora não escondesse a alegria do nosso encontro.

Peguei as malas, auxiliado por Jaime, após me apresentar pessoalmente sua querida esposa Roraima, começando a realizar um desejo incontido: andar em um destes carros quase centenários que circulam garbosamente pelas ruas da Ilha.

Uma viagem longa, em que Jaime me mostrava alguns pontos da mediana Santa Clara. Ao adentrar na parte inicial do campus da

Universidad Central “Marta Abreu”, em que leciona e sua esposa, filha e genro também trabalham, seu orgulho e entusiasmo é notório e incontido. Realmente é uma linda universidade. Prédios bem conservados, muito arborizada, com jardins lindíssimos e toda calçada. Uma grande população de alunos e servidores, e uma avalanche de bicicletas que encantam qualquer amante do pedal.

Ao chegarmos no apartamento em que residem, de propriedade estatal e dentro da Universidade, passei a entender o misto de satisfação e preocupação de Jaime e sua família.

Não poderia permanecer ali com sua família, uma vez que o protocolo sanitário devido ao aumento de casos de Covid-19 foi alterado ao tempo em que voava do Brasil para Cuba. Estavam visivelmente constrangidos. Me mostraram o quarto que prepararam para mim. Não sabiam nem o que dizer. Mas eu sabia o que dizer a eles.

E lhes disse que o procedimento, a meu entender, estava correto. Venho de um país que foi e é o pior exemplo de combate e postura frente à pandemia. De uma política pública ao reverso: temos que escutar o que nosso Presidente da República diz para fazermos exatamente o contrário do que apregoa.

Deixei evidente que concordo com as regras sanitárias impostas, por mais constrangedoras que sejam, isentando qualquer culpabilidade deles que desconheciam que o procedimento mudaria.

Após a entrega de presentes, especialmente os remédios que representam uma verdadeira “ajuda humanitária”, dirigi-me com Jaime para o hotel de passagem que a Universidade mantém para albergar alunos e professores estrangeiros.

Há de se registrar que o controle e rastreabilidade do governo é que permite a localização dos que ingressam na Ilha, para fins de controle da epidemia. Sabiam, portanto, meu paradeiro, por meio do



formulário de turista que entreguei no aeroporto. Sabiam meu endereço e os fins de minha viagem. Com isso, ficou fácil a minha localização e a tomada das primeiras medidas para um isolamento.

De plano, fui orientado a permanecer no Hotel “Los Sauces”, um hotel de passagem junto ao campus da Universidade “Marta Abreu”, de modo que a equipe médica me avaliasse e, ao final de três dias de observação, teria a alta do “exílio sanitário” necessário em tempos de pandemia.

Não tenho dúvidas de que esse momento de isolamento, sem ter sequer internet e acesso ao mundo exterior (o que demorou até conseguir uma habilitação no sistema local), foi de primaz importância para amadurecer estas primeiras crônicas de viagem.

Preocupou-me, apenas, pelo pouco tempo que teria após cumprir o período de isolamento, uma vez que inicialmente tinham me passado a informação de seria de sete dias. Caso fosse, não conseguiria investigar todos os temas os quais me propus e esbocei no começo destas crônicas.

De qualquer modo, ratificou minhas razões pelas quais a pequena Ilha caribenha está com mais de 90% de sua população com todo o calendário vacinal completo, com índices extremamente baixos de óbitos e internações devido ao vírus que não perdoa os desavisados e omissos.



## **6 E TINHA UMA “MAGRELA” PARA TRILHAR NOVOS CAMINHOS**

Nos preparativos de minha viagem, em troca de mensagens pelo aplicativo do WhatsApp, meu amigo Prof. Jaime me enviou uma foto de meu veículo de deslocamento quando da estada em Cuba. Meus olhos saltaram e brilharam quando viram uma bicicleta canadense CCM Targa 10 speed, conforme colacionada nas fotos constantes do anexo destas crônicas.

O que poderia ser um inconveniente ou até mesmo um empecilho, para mim o uso de uma bicicleta é libertador, além de ecologicamente correto e também uma forma saudável de se manter longe das medicações. Durante meados de 2020, quando do pior momento da pandemia, em Pelotas, passei a usar diariamente a bike para manter os exercícios e a mente mais sana. Afortunado por viver, na época, em um condomínio aberto, com sol ou chuva eu subia na “magrela” e percorria todas as ruas, por diversas vezes, garantindo uns 5 km diários de saúde e reforçando a imunologia para encarar o mortal vírus do Covid-19, na época ainda pouco conhecido.

Era uma forma de manter o distanciamento, estando ao mesmo tempo mais seguro, uma vez que usando máscara e realizando exercícios em lugar aberto e arejado, por certo.

Com efeito, se no Brasil usamos mais a bike para o esporte, esta não é a realidade cubana.

Em Santa Clara, pelo que vi e vivi nesta primeira semana, a bicicleta é muito utilizada como meio de transporte. Todos os percursos, incluindo os mais longes, são feitos na conhecida “magrela”. É um festival de bicicletas de todas as variedades e gostos, na maioria antigas, tal como uma diversificada frota de veículos, dentre os quais a motoneta é a principal figurante.

Meu colega deu-me, na época, uma notícia não muito animadora: teria que levar para a bike um par de gomas, uma vez que este artigo também estava em falta em Cuba. Mais um dos itens que o bloqueio econômico impunha, uma vez que os insumos não chegam e, com isso, não é possível o fabrico de vários produtos.

Tive muito trabalho em achar o pneu finíssimo e específico que coubesse nesta speed: um pneu fino, com câmara, de metragem 27x1 e  $\frac{3}{4}$ . Acreditei que em Jaguarão, cidade divisa com Rio Branco, no Uruguai, seria mais fácil de encontrar o produto, haja vista que nossos queridos hermanos também utilizam as bicicletas (mais que veículos), e vimos pelas ruas muitas speeds com pneus finos.

Após percorrer três estabelecimentos que vendem acessórios para bicicletas, no quarto encontrei. Mesmo assim, em uma verdadeira operação de guerra, que obrigou o vendedor a catar no seu estoque os dois únicos pneus diferentes (um listrado, que coloquei posteriormente na frente; outro todo preto, posto na roda traseira). Aliviado, vislumbrei o momento em que voaria pelas ruas de Santa Clara com a speed (ano 1975, pelo que pesquisei na internet), o que me possibilitaria conhecer melhor a cidade e os seus monumentos que homenageiam a Revolução Socialista.

Confesso que aprendi as regras mínimas do ciclismo, o qual não é comum o uso de capacetes e nem muito menos as roupas coloridas que usamos para pedalar. Em uma das saídas com o Prof. Jaime, que também utiliza a bicicleta como seu meio de transporte na

Universidade, me chamou a atenção pela periculosidade da carreteira. Não entendi quando ocupou quase a meia pista, dizendo-me para nunca andar no fio do término do asfalto.

Somente fui atender a sua mensagem na manhã do dia 16.02, quando mesmo chovendo resolvi passear com a Martita (alcunha que lhe dei) pela apertada carreteira que conduzia até o centro da cidade. No retorno, ao passar o perigoso cruzamento que dá acesso à Santa Clara, ouvi várias vozes que murmuravam, embaixo de suas máscaras, algo parecido como “mais no meio da pista”.

Sucede que, mesmo aparentemente sem muitas regras e técnicas de proteção individual, o ciclista tem absoluta preferência na pista. Passei a observar que, ao longo do caminho, formavam-se longas filas e, na frente, uma bicicleta ia como que trancando o trânsito. Nenhuma buzina. Todos aguardando a vez de poder passar com um mínimo de segurança.

Passei a fazer o mesmo. Martita sentiu-se mais encorajada e valorizada como sua majestade a Sra. Marta Abreu, que lhe dera a alcunha. Senti, sem dúvida, com uma enorme autoestima. Agora, tal como fizemos no Brasil, não precisava ir negociando uma passagem na beira da estrada. Quem deveria esperar seriam os outros veículos e não eu e Martita.

Pode parecer poético, talvez o seja, mas esse sentimento de respeito ao ciclista, bem como aos demais pedestres, reflete um sentimento de humanismo e de respeito ao ser humano que somente pode ser experimentado quando vivido. As teorias não conseguem adentrar neste universo socialista das relações sociais e interpessoais. São estas impressões que pretendo colher e relatar nas crônicas que compõe esta coletânea.



## **7 UMA CIDADE QUE RESPIRA E INSPIRA A REVOLUÇÃO**

A primeira saída com a Martita (nome carinhosamente dado à Targa 10 canadense, após a primeira foto postada no monumento de Marta Abreu), ocorreu no domingo (13/02/22).

Já estava entrando no mundo dos desesperados após alguns dias sem pedalar. Somente fazia pedais curtos pelo lindo e arborizado campus da Universidade “Marta Abreu”. Os esportes, por certo, são ótimas drogas que produzem serotonina, dopamina e outras químicas e alquimias que nosso organismo precisa para se equilibrar e ir tocando a vida.

Acordei cedo, no afã de pegar aquela carreteira que por diversas vezes esbarrei devido ao cumprimento de meu exílio sanitário. Confesso que foi um privilégio estar exilado em Cuba, especialmente por saber que a pequena e gigante Ilha que Resiste vem dando exemplos ao mundo no combate à pandemia. Para termos uma ideia, meu Estado, o Rio Grande do Sul, teve até o momento em que escrevo estas crônicas 37 mil óbitos, enquanto Cuba, praticamente com a mesma população (11 milhões), teve somente 8 mil óbitos (ambos em números redondos).

Liguei o strava, na dúvida se conseguiria usar na Ilha. Que dúvida absurda! Por ser via satélite o sistema permite o acesso em qualquer parte do mundo. Tinha que mostrar, no meu grupo de pedal (Turma do Pedal), que não estava enferrujando na Ilha caribenha.

Ao sair do campus da universidade, como um raio com direção a Martita nem tocava no chão. A sensação de liberdade que se tem em uma bicicleta só sabe quem pratica esse esporte. E ter uma bicicleta, ainda mais do porte e estado de conservação da Martita,

para poder circular nas ruas centenárias de Santa Clara, é uma dádiva que poucos tem.

Acredito que se tivesse um veículo automotor, seja uma simples moto ou um carro, não poderia absorver o cotidiano, as minúcias, as impressões mais idiossincráticas deste povo. Precisava, e ainda preciso, entender como o capitalismo já derrotou tantos sistemas socialistas (no plural), mas mantém ainda vigente os ideais revolucionários de Sierra Maestra.

Estando em uma das 15 províncias de Cuba (Villa Clara), a cidade de Santa Clara é de porte mediano, com 220 mil habitantes segundo o censo de 2017. Está localizada justamente no centro da Ilha, à 268 km de sua capital, Havana.

Sua maior importância é justamente por estar no centro da Revolução Cubana de 1959, pois foi aqui que Che Guevarra e Camilo Cienfuegos travaram a batalha final que derrubou as tropas milicianas do General Fulgencio Batista. Mas isso contaremos em detalhes em outra crônica.

Já na carreteira, cujos 10 km a percorrer daria no centro de Santa Clara, um cotidiano rico de sentidos.

Impressiona-me os meios de transportes coletivos usados, que vão desde carroças até pequenas motonetas. E claro muitos ônibus antigos, mas em perfeitas condições e funcionando a contento. E assim o povo vai se organizando. Fazendo sinais nas esquinas e subindo e descendo das motonetas táxi. Não saberia eu que utilizaria muito o sistema de motonetas para meu deslocamento até a cidade (algo em torno de 10 km da Universidade).

Chamou-me a atenção uma tagarelice faceira e alegre. Sabe quando estamos em um aniversário ou casamento, quando após certo tempo o “deus Baco” começa a fazer efeito e as pessoas se soltam, ficam à vontade e começam a falar mais alto? Pois é! Isso é o que vi



a todo momento nas paradas de embarque/desembarque, bem como nos diálogos entre os usuários e os condutores destes veículos.

No longo percurso, sem pressa alguma, que me perdoe o strava que geralmente serve para registrar os recordes e vencer as metas, passei a observar o modo de vida da população.

Em Cuba não encontramos supermercados, hipermercados, megastores, ou algo que o valha. A lógica do capitalismo, de estocar mercadorias sem saber sequer se as vamos consumir, não cabe no pensamento socialista da Ilha.

Esse pensamento não acumulador me chamou atenção quando da segunda estada do Prof. Jaime Ruiz no Brasil. Nossa amizade começou nos idos de 2016, tendo o acompanhado em diversos eventos e o convidado para participar de nossas atividades extensionistas do CIDIJUS (Projeto de Pesquisa-ação denominado Cidadania, Direitos e Justiça, mantido pela Faculdade de Direito da FURG, o qual sou um dos coordenadores). Dia antes do seu retorno à Santa Clara, pediu-me para comprar noz-moscada, pois alguém da família iria utilizar essa iguaria na feitura de um bolo e o produto era escasso em Cuba.

Conduzi-o a um supermercado perto de minha casa, em que costumava a fazer as compras para a manutenção da casa. Os supermercados são algo instigante. Compramos tudo e não produzimos nada. Sempre me espantou e espanta quando visito as zonas rurais de minha região e não vejo absolutamente uma erva de chá plantada. Nada! Os agricultores, por sua vez, dirigem-se aos supermercados para comprarem os hortifrutigranjeiros, ovos etc. Não é de todo compreensível isso. Mas retornando ao Prof. Jaime, imaginei que, dentro daquele universo de produtos ofertados, cujos lugares de exposição são meticulosamente pensados e planejados para incentivar um consumo por vezes irracional e desenfreado, ele

indagou ao ajudante do supermercado onde encontraria o produto buscado. E foi apenas nele seu foco de atenção. Olhou para a haste de ferro que suportava uma quantidade enorme de saquinhos, cujo pó se juntava e formava uma massa escura, pegando somente um deles. Não compreendi sua atitude! Como assim? Poderia levar para sua cidade uma quantidade expressiva de noz-moscada. Indaguei, com um misto de curiosidade e indignação, se não iria pegar mais? Pensei que poderia ser por falta de dinheiro para a compra, razão pela qual disse que fazia questão de pagar. Mas não era nada disso. Só fui entender bem depois seu pensamento. Resultado: a duras penas, após muito convencimento, consegui fazer com que trouxesse três saquinhos da iguaria não encontrada na Ilha.

Aqui não tem supermercados. Vi ao longo da carretera várias pequenas ou minúsculas quitandas, cujos comerciantes oferecem seus produtos, especialmente frutos, frutas e hortigranjeiros em geral. Muita cebola, alho, bolachas (galletas extremamente deliciosas), artigos diversos para o preparo da comida. Faltam, por certo, muitos produtos. Outros sequer são encontrados, não constando no rol dos itens supérfluos que só no capitalismo encontramos.

Descobri, com facilidade, onde encontrar as pequenas e saborosas bolachas crocantes, à semelhança de um chip, a um preço justo de 25 pesos cubanos (algo em torno de R\$ 1,20). E um carro antigo de cor amarela, parado em uma das esquinas, formava uma longa fila. Parei e fotografei a cena: o porta-malas gigante, como são comuns nos carros antigos, cheio destas iguarias preciosas, enquanto uma longa fila, extremamente disciplinada e absolutamente todos utilizando máscaras protetivas contra o Covid-19, aguardavam pacientemente (mas com muita conversa), o momento de adquirir o produto.

Outra tenda me chamou a atenção. Muita carne de cerdo (porco), exposta para venda desta que é a carne mais usada na culinária cubana.

Continuava, pois, entre uma parada e outra, meu destino inicial de reconhecimento desta centenária cidade datada de 1689, palco da batalha final que deu a vitória dos rebeldes revolucionários. Graças à agilidade de Martita, não tive dificuldades de chegar ao centro da cidade, após percorrer uns 8 km. Não sabia que passaria no conhecido monumento ao Che, cujos trens descarrilhados e a empilhadeira Caterpillar usada na exitosa tarefa, estava no meio do caminho. Seduzido a permanecer ali, segui o caminho na busca do Parque Vidal, na certeza de que mereceria um momento especial e único, bem como uma crônica também singular, para refletir aquele momento especialíssimo de minha estada em Santa Clara.

Despido propositadamente do googlemaps ou de outra ferramenta similar, perguntei a um cidadão qual seria a direção. E depois para um outro, que me passou informações mais precisas.

Adentrei no Boulevard Santa Clara, estranhando que não tinha ninguém de bicicleta, sendo este um dos meios mais comuns de transporte. Não desconfiei dos olhares que me foram deferidos, pois não é permitido o trânsito de bicicletas e automotores na pequena rua estreita, similar aos nossos calçadões. Mesmo diante de uma tentativa de me disfarçar de um legítimo cubano, algo me diz, passado o episódio, que sabiam se tratar de um desses turistas desavisados.

Imaginava um parque gigante, com arvoredos infundáveis. Mas a grandeza do local não está no tamanho, mas sim nos seus prédios que ficam ao entorno de um pequeno coreto de ferro.

O parque, que fica bem no meio do centro histórico de Santa Clara, leva o nome de Leoncio Vidal Caro, morto em combate contra a dominação espanhola, no ano de 1896. No seu entorno

encontramos o Obelisco, a Glorieta, a “Fuente del niño de la bota infortunada”, o busto em homenagem ao próprio Leoncio Vidal Caro e, a meu ver, o mais significativo e impactante dos monumentos, a estátua de Marta Abreu de Estévez, que rendeu o batismo, neste exato momento em que me postei para “sacar la foto” pelas mãos de um obreiro cubano, ao nome de Martita à minha aguerrida speed canadense.

Também encontramos vários prédios históricos, à exemplo do teatro “La Caridad”, erguido pela benfeitora Marta Abreu, cuja fortuna herdada por sua família, juntamente com seu marido, serviu para os fins libertários de independência, conforme veremos em merecida crônica específica.

Este parque, recheado de histórias pré-revolução de 1959, foi o principal cenário de lutas quando do enfrentamento às tropas de Fulgencio Batista, derrotadas pelas ações exitosas de Che e Cienfuegos.

Tomei um saboroso café com um sandwich, em um antigo restaurante situado no parque, não porque estivesse com vontade, mas para ter um pretexto de permanecer um pouco mais naquele sedutor e enigmático palco de muitas lutas libertárias.

Retornando, não foi difícil achar o caminho de volta. Mais uma vez passando pelo trem tombado. Muitas pessoas encantadas com o cenário. Tive que me deter para tirar algumas fotos, contidas na primeira passagem. Em frente, uma loja de souvenir vende pequenas lembranças tendo como personagem a figura principal desta batalha. Seduzido a entrar, sabia que não era o momento, sob pena de comprometer o resto da curta manhã. Teria, eu levado pela Martita, claro, que pedalar mais uns 9 ou 10 Km para retornar ao Hotel “Los Sauces”, no campus da Universidad “Marta Abreu” (agora já uma ilustre conhecida minha).

## **8 MARTA ABREU DE ESTÉVEZ: BENFEITORA E PATRONA DE SANTA CLARA**

Quando conheci o Prof. Jaime Ruiz e este me disse, com um notório orgulho, o nome de sua Universidade (“Marta Abreu” de Las Villas), fiquei curioso em saber quem seria esta personagem que emprestara seu nome à segunda maior universidade de Cuba.

No começo de 2021, graças à pandemia que nos impôs praticamente todas as atividades docentes de forma virtual ou híbrida, tive o aceite para cursar o pós-doutoramento nesta Universidade, sob a orientação do reconhecido Prof. Dr. Edgardo Ricardo Romero. Meus estudos previam uma estada em Cuba, planejada para fins de 2021, que não se efetivou devido ao agravamento da pandemia, vindo ocorrer somente em fevereiro de 2022.

Visitei alguns sítios cubanos à procura da benfeitora que empresta não somente o nome a esta Universidade, mas também é uma unanimidade entre a população local. Já não seria mais uma ilustre desconhecida para mim, indo mais do que um nome estampado nesta importante instituição de ensino e de pesquisa.

Confesso, porém, que uma coisa é lermos sobre uma personalidade importante. Outra, bem diferente, é vivenciar a sua obra. Ir ao encontro com sua trajetória de vida, conhecer seu pensamento e, mais que tudo, suas ações efetivas.

Impressionou-me a história de vida e o legado desta grande e atípica, para sua época, mulher. Nascera em uma família rica, em 13 de novembro de 1845, tendo sido casada com o advogado e político Luiz Estévez y Romano, que sempre apoiou as iniciativas de sua parceira.

Quando recebera sua herança, passou a utilizá-la em prol dos movimentos revolucionários que buscavam a independência de Cuba enquanto colônia espanhola. Foi a principal financiadora da guerra de libertação de 1895-1898, expressando que a liberdade do povo cubano era mais importante do que o risco que sua família corria.

Em uma sociedade ainda escravocrata, ela e seu marido outorgaram a liberdade aos escravos da família, concedendo-lhes glebas de terras para que pudessem produzir, sendo que os demais que permaneceram passaram à condição de trabalhadores remunerados.

Sua sensibilidade e humanidade elevadas focaram em ações no auxílio aos mais necessitados. No campo educacional criou escolas para meninos, meninas e, também, para as crianças negras que não tinham direito à educação. Sempre atenta às necessidades dos mais necessitados, observou que as mulheres de Santa Clara sofriam para lavarem as roupas nos riachos ao relento. Observou, em viagem realizada pela Europa, a existência de “lavadeiros públicos”, fazendo quatro deles na cidade. Além disso, também investiu na construção de casas populares aos mais necessitados.

No campo das artes, além de auxiliar artistas e artesões, construiu uma obra prima que se mantém com o tempo: o teatro de La Caridad, belo prédio situado na frente de sua estátua, na Praça Vidal, a qual passei vários minutos admirando e imaginando como fora sua impactante trajetória.

Afora estes feitos, Marta Abreu financiou a primeira planta elétrica da cidade, bem como construiu um observatório astronômico e entregou máquinas de costurar às mulheres mais necessitadas.

Ledo engano quem pense que esta senhora apenas realizou obras de caridade.

No sítio [www.contraloria.gog.cu](http://www.contraloria.gog.cu) encontramos uma descrição que nos dá a dimensão do seu patriotismo e pensamento independista. Conta que quando do exílio em Paris, assumiu os encargos econômicos da embaixada de Cuba naquele país, além de enviar vultuosa quantia de dinheiro para o Partido Revolucionário Cubano. Ajudou os prisioneiros confinados em Ceuta, Chafarinas, Fernando Poo e outras prisões, além de socorrer as famílias dos deportados de Cuba.

Indo além, subornou funcionários espanhóis para obter informações de guerra, repassando aos rebeldes para que pudessem organizar suas atividades de campo.

Marta Abreu veio a falecer em Paris, onde estava exilada juntamente com seu marido, no dia 02 de janeiro de 1909. Um mês após, inconsolável e abatido com a morte de sua esposa, seu marido se suicida.

Com efeito, impactou-me profundamente as contribuições feitas na área do transporte ferroviário, cujo complexo está construído perto do nascedouro da cidade, no local denominado Lomadel Carmen. Além disso, e talvez a intervenção mais conhecida desta ousada mulher benfeitora e independista, fora o financiamento da planta elétrica para Santa Clara. Este complexo, que conduziu Santa Clara a ter energia elétrica antes mesmo de Nova York, data de 1895. Ao lado da estação férrea, inaugurada no mesmo ano, encontramos o prédio da UNE Empresa Electrica Villa Clara, com a

seguinte inscrição abaixo de uma mão em forma de raio: “LO QUE NOS UNE: SOLIDARIEDAD, REVOLUCIÓN, ENERGIA.”

Fico, inerte, pensando o que tivemos nestas últimas décadas no Brasil, ao império do movimento, ainda em curso, “neo-reacionário-liberal”. Reflexão incontinenti face à postura tida para com os recursos naturais e nossas empresas públicas.

Nas várias vezes que me sentei no Parque Vidal, olhando sua estátua, após estudar sua história, compreendo melhor o sentimento que esta valorosa mulher despertou e ainda desperta em todo o povo de Santa Clara e a todos que ingressam em seu universo.



## 9 UNIVERSIDAD CENTRAL “MARTA ABREU” DE LAS VILLAS

Sempre ouvi dizer que se queremos ver o nível de vida de um local ou população, basta entrar em uma escola e em um hospital. Se tivermos estes dois itens como parâmetros Cuba está indo muito bem.

Cheguei de quinta para sexta em Santa Clara, tendo permanecido no hotel universitário “Los Sauces”, para cumprir um período de três dias de isolamento sanitário.

Na sexta a tarde instigou-me um grande movimento de alunos deixando o campus, cujas malas de todos os tamanhos e cores, faziam um forte zunido que se ouvia no meu quarto. Vi, igualmente, na esquina em que imbricava a rua central de saída do campus com a carreteira principal, as várias formas de transportes utilizadas na Ilha. A predominância dos pequenos e antigos ônibus, por certo, me fez indagar de ímpeto à simpática e falante camareira que organizava meu quarto.

Indaguei se era período de vacaciones (férias) escolares. Me disse que não. Ocorria esse movimento todo o final de semana. Os alunos que residem nas proximidades, em outras províncias inclusive, passam o sábado e domingo com suas famílias, retornando na segunda.

O grande movimento de alunos era justificado. Estava hospedado, na condição de estudante, na segunda maior universidade de Cuba. Com seus quase doze mil alunos, entre os quais centenas de

estrangeiros em convênios ou estudando por conta própria, com mais de dois mil professores, suas 12 faculdades, 54 carreiras, 29 doutorados e 44 mestrados, estamos diante de uma grande universidade.

Mas a grandeza de “Marta Abreu” de Las Villas não está somente nestes números, que para uma Ilha pequena como Cuba não devem passar despercebidos. Ao analisar sua página no facebook, encontramos no ícone VISIÓN, a busca pelo ensino de excelência, articulada com o projeto socialista de Cuba. E segue: “formamos concalidad y eficienciaprofesionalesintegrales, con profundo sentido humanista, competentes, cultos, portadores de nuestros valores y comprometidos con la pátria”.

O caráter humanista na formação de todos seus profissionais, à exemplo dos médicos cubanos que conhecemos mais profundamente no Brasil, a partir do exitoso programa “Mais Médicos”, é inegável e de fácil constatação.

Hospedado no “Los Sauces”, cujas acomodações são simples, mas de muita qualidade, possuindo cada quarto uma TV, ar-condicionado e geladeira, estou tendo a oportunidade de conviver com os trabalhadores de todos os níveis (professores, técnicos, zeladores etc.), bem como com alguns alunos desta importante instituição.

Nas conversas que tive observei que existem várias formas de acesso à universidade em Cuba. Sendo a educação toda pública e gratuita, com acesso por meio de provas é possível o ingresso em uma das faculdades. Em primeiro momento o aluno escolhe o curso, mas pode ser redirecionado em vários casos, inclusive atendendo aos interesses locais (por exemplo, passou em engenharia, mas há necessidade de profissionais na área da saúde, de modo que poderá ser realocado para essa área). Encontrei alunos bolsistas, financiados

por seus países de origem ou outras instituições. Há também os alunos que vem de fora do país e estão arcando com seus custos, sem bolsas de financiamento. Caso típico da medicina que, por sua excelência, acaba atraindo os jovens para realizar seus estudos na Ilha.

Todos têm a consciência do papel da Universidade na construção do socialismo e na devolução do saber adquirido em forma de serviços comunitários.

Foi essa consciência, tomando o caso de “Marta Abreu”, que transformou esta Universidade em hospital de campanha quando do forte da pandemia em 2020. Centenas de alunos e professores se ofereceram para o árduo trabalho voluntário no hospital temporário aqui criado. Os 16 quartos do Hotel “Los Sauses”, em que me encontro hospedado e permanecerei até o final de minha estada, receberam os trabalhadores que entravam em isolamento por quatorze dias. Ouvi relatos que os estudantes das exatas contribuíram para realizar os boletins e estatísticas diárias sobre a doença.

Bem ao contrário do que vimos no Brasil quando do pico da doença. Nossas universidades fecharam as portas, à exceção dos hospitais públicos que mantiveram suas atividades.

Percebo, até porque a pandemia não acabou em nenhum lugar do mundo, um comprometimento e engajamento social elevado de todos os estudantes. Tem consciência de que é a sociedade que os mantém. E justamente é esta mesma sociedade que deve ter o retorno de todas estas especialidades.

Mas as aventuras nesta grandiosa e histórica Universidade não param por aí, ao contrário do que tinha imaginado quando pus um ponto final nesta crônica, no parágrafo acima.

Com efeito, na quarta, dia 16 de fevereiro, o Prof. Jaime ofereceu-me gentilmente para fazermos um passeio no campus sede

da Universidade, praticamente interligado com o campus em que estava hospedado. Tinha aguçado minha curiosidade quando falou, no almoço que costumeiramente fazia com sua família todos os dias, de que os primeiros movimentos de Gue Guevara e seu grupo começara dentro desta Universidade.

Confesso que em todas as leituras que fiz, bem como nas buscas rápidas pela internet, não tinha visto nenhuma alusão a esta passagem.

Partimos em nossas bicicletas, conversando como dois amigos antigos, embora não tanto na linha do tempo, comungando de mundos ora distintos e ora utopicamente vislumbrados.

Ao chegar no campus sede, Jaime passou a enumerar cada prédio, pois há muitas décadas trabalha nesta Universidade da qual se orgulha de pertencer.

A primeira sala é justamente o Departamento de História. Detive-me em frente a um mural para uma foto, eu e a Martita o qual fiz questão de fazer aparecer no registro. A foto a direita confirmava o que tinha visto na visita ao Museu e Memorial de Che Guevara: o recebimento do título de *honoriscausa* sem a toga, devidamente fardado como comandante militar.

Ao lado, dando lugar à Sala de História, encontrei justamente o local referido por Jaime, ou seja, onde o Comandante e seus aliados passaram a pensar e planejar a operação tático-militar que levaria ao último combate em Santa Clara. Consta da placa: “Este lugar se estableció inicialmente la base de operaciones dela columna 8 ciro redondo comandada por Ernesto Guevara al comenzarsu avance sobre lacuidad de Sta. Clara. 28 de diciembre 1958.”

Em um muro em frente a esta placa, conforme consta das fotos anexas, é possível analisarmos a estratégia montada, reproduzida no cenário vivo do Museu do Trem Tombado: os fios cortados e a

empilhadeira caterpillar arrancando os trilhos para que os trens tombassem.

Todo esse contexto é impressionante!

Não bastasse isso, Jaime me conduziu até outro prédio em que hoje funciona a Cátedra Honorífica “Ernesto Chevara”, que foi neste período transformado em um Hospital para cuidar dos eventuais feridos no combate. Encontramos, ao lado esquerdo da porta do local, uma placa de bronze com as seguintes inscrições: “En este lugar radico el hospital de campaña de la columna 8 Ciro Redondo comandada por El Che al establecer su comandancia en nuestra Universidad. 28-12-58 – 17-7-97.”

Como narrei, não encontrei em nenhum livro ou sítio virtual estes fatos que fazem uma relação direta da Universidade e sua interação/intervenção com a Revolução Socialista que dali fora planejada.

Impressiona, pois, a história da própria benfeitora que dá o nome a esta Universidade, bem como seu papel fundamental para a vitória dos rebeldes em 1959.

Para finalizar essa incursão, bem como coroar o que acabo de afirmar, deparei-me com alguns morros com estranhos canos em “L” invertidos saindo da superfície da terra. Estavam espalhados em alguns lugares no campus sede. Meu colega me explicou: tratava-se de refúgios, tipo búnquer, feitos na década de 1980, diante das iminentes ameaças de ataques vindas dos Estados Unidos. A população, que era treinada para defender-se se necessário, teria um lugar de proteção. Não chegaram a ser usados, mas registra mais uma vez a valentia e serventia aos ideais libertários desta grande Universidade a qual por um momento tenho o orgulho de fazer meus estudos pós-doutorais.



## **10 E TINHA UMA EMPILHADEIRA NO MEIO DO CAMINHO**

Na manhã de 15 de fevereiro, decididamente acordei pensando em rever o cenário dos trens tombados na chamada “Batalha de Santa Clara”, que ao comando do capitão Che Guevara e de Camilo Cienfuegos abriram caminho para a vitória final da Revolução Cubana de 1959.

Com um imenso pesar encostei a Martita em um canto da pequena saleta de entrada para meu quarto no Hotel de passagem, pois não poderíamos ser um perfeito par neste passeio. Sabia que ela entenderia!

Tomado por um misto de curiosidade e preocupação, me perfilei atentamente em uma pequena fila que se formava na rua principal da universidade, imbicando com a carreteira principal que conduzia ao centro da cidade.

Via atentamente este movimento. Pequenos ônibus e motonetas, faziam uma suave meia lua de retorno na carreteira, enquanto o condutor organizava os usuários que o pagavam com uma nota de 10 pesos cubanos pelo transporte.

Interessava-me aquele meio intrigante representado pelas inúmeras motonetas que via. Impressionou-me a velocidade audaciosa com que andavam e, mais que isso, tinha curiosidade em saber afinal quantas pessoas comportavam naquele minúsculo carrinho puxado por uma moto (dia o nome motoneta).

O transporte público de cuba é um dos problemas que aparece de forma bem visível. Segundo colhi, as motonetas, cujo preço é

acessível e possuem fluidez no deslocamento, resolveu parte desse problema.

Olhei atentamente como os demais se comportavam, para saber como usar o meio de transporte escolhido e também como pagar pelo referido serviço que é privado (mas tabelado, como tudo em uma economia socialista planificada, claro).

A ideia original de que comportaria de quatro a seis pessoas caiu por terra. Para meu espanto cabem oito passageiros (quatro em cada lado), com um arranjo em que os joelhos do vizinho à frente vão se tocando o tempo inteiro, sem termos o que fazer a não ser ir conhecendo o parceiro quando dos vários pedidos de escusas feitos – explícitos ou velados.

Fiz um cálculo grosseiro e cheguei à conclusão que aquela motoneta estava suportando mais que meia tonelada de peso, sem contar o condutor que ia o tempo todo buzinando e acenando para seus compatriotas. Alegre e descontraído, na certeza de que temos que viver um dia de cada vez.

Sabia onde era o monumento. Já tinha passado antes com a Martita e seduzido a deter-me, quando reservei um momento especial apenas para essa incursão. Por isso saltei antes da motoneta, parando no primeiro ponto após a rótula que permite o acesso a carreteira para a Universidade.

Fui caminhando, pois precisava observar o entorno deste lugar enigmático, tão singular na história de Santa Clara e de Cuba como um todo.

Por todos os lugares encontramos alguma menção ao que ocorrera naquele ponto da estação férrea, que até hoje está em pleno funcionamento.



Chama a atenção as pinturas feitas na sede provincial do PCC aqui em Santa Clara. As belas estampas lembram a Revolução Cubana e sua efervescência atual. Em um muro destaca-se a frase: “Revolución es unidad...” Mas não somente em lugares públicos temos estes movimentos. Em uma pequena casa, em ruínas, vimos estampada em azulejo a foto de Che, enquanto em um outro terreno em que são plantadas sementes, denominadas “Semillas de Combatientes”, está inscrito em um tonel amarelo que certamente abastece de água o plantio, aquela frase clássica de Che: “Hasta la Victoria Siempre.”

Com todos estes preparativos, não se pode chegar ao memorial dedicado a Che Guevara e aos seus parceiros revolucionários, especialmente a Camilo Cienfuegos, sem uma forte carga de emoção.

A história nos conta que o ditador Fulgencio Batista enviou uma tropa com mais de três mil homens, fortemente armados, para Santa Clara, buscando conter a intentada dos rebeldes que contavam com pouco mais de 300 guerrilheiros. Ocorre que contavam com o apoio do povo de Santa Clara que desejava se libertar da ditadura imposta por Batista, com apoio do governo norte-americano.

Diante da visível disparidade de armas e de pessoal, os rebeldes tiveram duas ideias executadas com êxito absoluto: cortaram os fios que permitiam a comunicação, bem como utilizaram uma empilhadeira para arrancar mais de trinta metros de trilhos, fazendo com que os trens descarrilhassem e perdessem o rumo.

Após a queda inevitável dos trens que não encontraram mais os trilhos para seguirem seu rumo, os rebeldes atearam fogo nos vagões, obrigando os soldados de Batista a saírem dos trens. Tomaram suas armas e os rebeldes perseguiram a tropa já dispersa até o Parque Vidal. Na fachada do Hotel Santa Clara Livre, o qual encontramos na

parte térrea o cine Camilo Cienfuegos, ainda é visível as marcas deste combate.

Após doze horas desta guerrilha, vencida pelos insurgentes, Fulgêncio Batista fugiu do País, dando vitória aos rebeldes.

Eu queria, e fiquei, muito tempo naquele fascinante lugar. Precisava meditar, refletir, entender mais aquele momento. Os trens bem conservados, embora estejam todos a céu aberto, demonstram os efeitos causados pelas balas disparadas pelos rebeldes naquele confronto.

Mas o que me chamou a atenção não foram os vários trens que estão ali expostos. Minha atenção toda ficou voltada para aquele “pequeno brinquedo” exposto em cima de uma pedra, representado pela empilhadeira Caterpillar usada para arrancar os trinta metros de trilhos.

Este pequeno maquinário, que visto de longe mais parece um daqueles brinquedos que presentamos os pequeninos, foi fundamental para esse acontecimento que mudou a história de Cuba.

Passei na loja de souvenirs exposta na frente do Museu do “Tren de La Revolución”, como é conhecido, para comprar alguns regalos e um porta charutos para uso próprio. Todos com a face do jovem guerreiro argentino estampados.

Indaguei, ainda na loja que expõe todos seus preços em moeda nacional (pesos cubanos), não aceitando o dólar para comercialização (uma mínima resposta ao bloqueio insano que é imposto à Ilha), como chegar ao Museo de Che. Lá estaria frente a frente com seus restos mortais, seus e de seus companheiros mortos na guerrilha boliviana em 1967. Informado que seria “muylejo” (distante), pensei que se estivesse com Martita o problema seria resolvido. Retornaria no outro dia. Mas esta investigação merece uma crônica singular.

## 11 O MUSEU E MEMORIAL DE CHE GUEVARA EM SANTA CLARA

Era ainda muito cedo em Santa Clara, com diferença de duas horas a menos que no Brasil, quando já estava de banho tomado aguardando meu orientador de estudos pós-doutorais, Prof. Dr. Edgardo Romero. Esperava com certa ansiedade sua vinda, na perspectiva de fazer uma visita guiada pelo centro da histórica cidade de Santa Clara.

Ao sair do banho pensei como devia vestir-me para o encontro e as visitas guiadas que faríamos. Sabendo da informalidade dos professores, bem distinta do Brasil e dos demais países capitalistas, optei por uma calça de brim, camisa manga longa quadriculada (o que me fazia passar por um quase cubano na escolha) e um sapato social (única peça que dava um pouco de solenidade ao encontro).

Pensei, por um momento, que iríamos de carro. Aliás, não tinha andado de carro em minha estada, a não ser o táxi que me conduziu do terminal rodoviário até a Universidade.

Ledo engano!

Pouco antes do horário, adentra pelos jardins bem cuidados do Hotel “Los Sauces” o Prof. Romero, com vestes de quem vai para uma atividade de campo: tênis, calça de brim, boné e uma mochila nas costas.

Após as saudações e uma boa conversa inicial, lhe disse que gostaria de priorizar a ida ao Museu e Memorial de Che Guevara, o qual concordou de plano.

Percebi que não teria vindo de carro. Fomos conversando até a saída da Universidade, de modo a ingressarmos em uma fila a espera de uma das tantas motonetas que nos conduziria ao centro da cidade.

Somente vivendo aqui, não como turista, mas experimentando o dia a dia desta realidade, podemos compreender a lógica do pensamento socialista. E a quebra da dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho braçal é um ponto central, a meu ver, neste processo.

Não há qualquer distinção entre meu orientador, que é um dos doutores mais respeitáveis em Cuba e no exterior, quando se trata do tema de políticas públicas, ou do Prof. Jaime Ruiz, igualmente outra autoridade em economia política, com outro cidadão cubano que sobe conosco na motoneta.

No caminho, já na motoneta que comportou exatos oito passageiros, devidamente distribuídos nos dois bancos dispostos frente a frente na carroceria apertada do veículo, passamos a conversar com o motorista sobre a capacidade do motor. Descobri, por meio da investigação impulsionada pelo Prof. Romero, que o motor do veículo que nos conduzia era muito potente. Equivalia a um motor do Peugeot 405. Por isso a velocidade e a força nas subidas.

Entre paradas e explicações do contexto da Batalha de Santa Clara, contados a partir do Museu ao céu aberto do Trem Tombado, o qual passamos rapidamente de motoneta, descemos e fomos caminhando pelas apertadas ruas de Santa Clara.

Muitas histórias, contatadas a partir de um cidadão que nasceu e fez toda sua carreira universitária e política naquele povoado. Alguém que cujos projetos acadêmicos, envoltos com sua temática de políticas públicas, estão ligados e interligados pelas necessidades da população cubana. Pensa, respira e sonha com um mundo melhor

para esta população. Tal como Che fazia, sem qualquer separação entre o fazer e o pensar; entre o ter e o ser; entre o teórico e o concreto.

Quando me disseram, pela primeira vez, que os restos mortais de Che Guevara e de seus companheiros mortos em combate na Bolívia estavam enterrados em Santa Clara, confesso que foi somente uma informação adicional. Mas quando me vi envolto em todo esse contexto, compreendendo-o de forma vivencial e experimental, estava com uma grande expectativa para suplantar o que via apenas pela internet e pelas imagens do Museo e Memorial.

Com efeito, passei a encontrar parte de minhas respostas perquiridas: por quais motivos Cuba ainda resiste ao capitalismo selvagem e desumano, mantendo os ideais socialistas em suas veias.

No caminho, o Prof. Edgardo Romero me contou algo que não encontrei nos sítios e livros: a participação efetiva do povo de Santa Clara na construção da grande área do complexo. Confessou-me, com orgulho, que tinha um bônus de 100 horas de trabalho. Não entendi o que seria isso, de modo que perguntei, ingenuamente e com um vício legado do capitalismo, pelo que ele tinha trocado esse bônus. Por debaixo da máscara deu para ver seu riso, respondendo-me que não trocou por nada. Ele e os milhares de cidadãos que ganharam o bônus por hora trabalhada o fizeram gratuitamente, por acreditarem no grandioso projeto e pela importância histórica que ele tem para todos.

Já distante se avista a gigante estátua de Che, de quase sete metros, feita em bronze pelo escultor cubano José Delaria. Parada obrigatória para uma foto em frente ao médico, escritor, diplomata, guerrilheiro, poeta e outros tantos misteres desse jovem argentino que mudou a história de Cuba e, quiçá, do mundo com sua práxis revolucionária.

A emoção de estar naquele lugar é indescritível. E tenho um enorme privilégio de estar com um colega professor que, além de ter as 100 horas de trabalho enterradas junto com os guerrilheiros que ali repousam, é um profundo conhecedor da história cubana.

Depois de deixar nossas mochilas na área externa, ingressamos na primeira sala de exposição, onde encontramos uma série de pertences pessoais do herói cubano, a começar por seu jaleco de médico encardido pelo tempo, mais anotações manuscritas (que me trouxe um sentimento de identidade devido à letra inelegível), mais armas diversas (baionetas, revolveres, rifles etc.), utilizados durante as guerrilhas que enfrentou.

Como é de praxe nos museus, não é possível tirar fotos no seu interior, de modo que anotei em meu caderno de campo algumas impressões que julguei importantes para socializar nesta crônica.

Por certo que olhando as inúmeras fotos do acervo temos a imagem viva de um cidadão cujo sorriso contagia, cuja simplicidade o iguala aos demais e cuja liderança não precisa ser imposta, uma vez que é nata. Quando Fidel o fez Comandante de todos na guerrilha, sabia disso.

O fato de não se despir de seu uniforme militar não é mero cacoete. Traduz uma convicção de sua práxis revolucionária.

Há uma foto impactante datada de 1959, quando a Faculdade de Pedagogia de “Marta Abreu” o conferiu o título de Doutor *Honoris Causa*. Ele só aceitaria o título se não tivesse que colocar a toga. E assim foi trajado à cerimônia, destoando o tom oliva ao preto que predominava. Foto esta que pode ser conferida no anexo deste livro.

Mais impactante, ainda, é uma foto de 1964, quando na figura de Diplomata foi representar Cuba, a pedido de Fidel, na ONU. Estava a defender a manutenção da Ilha caribenha rebelde na OEA. Escorado displicentemente em uma parede, aguardando sua vez para

fazer o discurso, trajado com o mesmo uniforme militar de sempre, acendeu um charuto e começou a fumar dentro do recinto. Os olhares de reprovação dos demais ao entorno, todos e todas bem-vestidos(as), dão uma dimensão exata de sua figura ímpar e contestadora.

Ao final, a íntegra da carta que Fidel lhe dedicou. Na área externa, em que o cemitério ao ar livre guarda outras dezenas de combatentes que faleceram (durante e após) esse processo de revolução, encontramos uma chama acesa em 17 de outubro de 1997, renovada constantemente sem apagar.

Adentrando no local em que estão os restos mortais de Che e alguns combatentes, chama à atenção o cenário reproduzido: com árvores e cachoeiras que lembram uma floresta, a ideia foi reproduzir o ambiente da selva boliviana em que foram mortos.

A tumba de Che está ao centro, em destaque, ladeada por outros guerrilheiros e uma única guerrilheira, de nome Tânia, que deram suas vidas na compreensão de que o projeto socialista deveria ser espalhado e internacionalizado por toda a latino-américa.

Passei os olhos lendo atentamente os nomes de cada um, com um misto de admiração e respeito. O Prof. Romero me chama a atenção para o de Papi Ricardo. Segundo meu mestre, foi o mais destemido e destacado do grupo, mas era muito indisciplinado. Na certeza de que se deixar a bola quicando a Cristiane fará o gol, o provoquei dizendo que talvez por isso mesmo tenha sido o mais destacado, justamente por ser indisciplinado. Percebi que um resquício de meu anarquismo primevo queria se manifestar em pleno solo “comunista”.

Teorias à parte, saindo do local de forma impactada, agradei ao Edgardo por ter-me presenteado com esta incursão inesquecível. Disse-me, igualmente emocionado, que de nada adianta um povo

viver submisso a um poder, não ser livre, não ter dignidade e justiça social. Vindo de um reconhecido professor que vive em igualdade com os demais cidadãos, compreendi perfeitamente a sua mensagem.

Ao terminar a incursão, com vontade de permanecer por horas naquele instigante e inspirador lugar, terminamos nossa incursão no pátio externo em que se queda um longo cemitério em que repousam os restos mortais de guerrilheiros e guerrilheiras mortos nos processos de lutas por libertação e independência nacional. De um lado a chama acesa por Fidel que não se apaga, de outro um mural com a frase proferida por Che: “Unir és lapalabra de orden. Juntos estamos dispuestos a vencer o morir”.

Quando, na atualidade, ouvimos o movimento denominado “Patria o muerte” posicionar-se acerca das diversas temáticas que atingem a Ilha que Resiste, conseguimos compreender melhor suas mensagens a partir do contexto em que se pariu a Revolução Cubana aqui em Santa Clara.



## **12 DEMOCRACIA, RESISTÊNCIA E PODER POPULAR EM CUBA**

Após esta semana em Santa Clara, realizando meus estudos pós-doutorais, mas, sobretudo, convivendo intensamente com a população e em contato direto com ela, começo a entender e, quiçá, a responder a perquirição primeira que me motivou a escrever estas crônicas: por qual ou quais motivos, diante de tanta voracidade do capitalismo e seus atrativos em termos de bens, produtos e consumo exacerbado, Cuba ainda resiste?

Parte desta resposta foi cunhada não apenas na pesquisa acadêmica, mas sobremaneira no cotidiano o qual estou imerso.

A observação deste contexto que nos é estranho e de difícil compreensão, diante dos “olhos capitalistas” com que aprendemos a ver e a viver em nosso mundo, é de fundamental importância para a obtenção desta resposta.

Juntamente com esse empirismo necessário, ganhei de regalo a nova Constituição Cubana, levada a *referendum* em 22 de dezembro de 2018, vindo a ser aprovada por 78,30% da população votante (cerca de oito milhões de cubanos e cubanas). Passei a estudar minuciosamente o Texto Constitucional vigente desde 10 de abril de 2019, quando a Asamblea Nacional del Poder Popular a aprovou.

Não tenho dúvidas que a grande riqueza da democracia cubana, que não pode ser considerada autoritária devido ao fato de ter um único partido, o PCC, é o processo de participação local dos cidadãos.

É a partir deste processo extremamente democrático, como tentarei demonstrar, que a municipalidade (ou distritalidade), passa a ser determinante e central na política e estrutura de poder socialista.

Na Constituição de 2019, temos bem ao final (artigos 198 e 199), o que julgo determinante neste processo: o Consejo Popular.

A ideia central pode assim ser resumida: a população é organizada por circunscrições eleitorais, nos bairros, cidades, povoados e zonas rurais, de modo que o conjunto das circunscrições formam um Conselho Popular. É justamente esse Conselho que exerce o controle sobre a produção, entidades e empresas, bem como aponta as necessidades nas áreas sociais (saúde, economia, assistência, educação, cultura etc.).

O fomento ao debate e discussão, neste Conselho que se reúne periódica e constantemente, é realizado em qualquer local, tal como observei em uma das tantas viagens de motoneta quando várias pessoas estavam ao ar livre, embaixo de um bosque à beira da estrada, realizando uma sessão de debates. O identifiquei por meio de uma faixa branca, com letras azuis e preta, posta no local.

Vislumbrando melhor este processo dinâmico e de extrema participação popular vou citar o caso de Santa Clara, o qual investiguei a partir da fala de diversos cidadãos e da avaliação teórica desse sistema de Conselhos. A Universidade “Marta Abreu”, pertence a uma destas circunscrições. A cada cinco delas, temos a formação de um Conselho Popular. No Conselho estão os(as) candidatos(as) que irão concorrer como delegados(as) para representar seu local ou distrito em outro instituto político-administrativo fundamental: a Asamblea Municipal del Poder Popular, uma espécie de Câmara de Vereadores, para fazer uma analogia com o Brasil.

Detive-me a observar que não existe campanha política como no nosso caso. Os candidatos e candidatas expõe seus currículos em lugares públicos, tais como tendas e bares, vindo a população local a votar nos seus representantes, cujo voto é secreto e escrito.

Importante frisar que não há qualquer ingerência do Partido Comunista Cubano (P.C.C) neste processo, o que nada impede que estes delegados sejam militantes do referido, por certo.

Cada circunscrição vai eleger somente um representante, que terá mandato por cinco anos, passando a integrar por igual período o Asamblea Municipal del Poder Popular.

Duas questões pontuais chamam a atenção neste sistema extremamente democrático de participação popular: uma, o fato de estes representantes, tal como os deputados que formaram a Asamblea Nacional del Poder Popular, não possuírem qualquer tipo de remuneração, mantendo seus salários oriundos das profissões que exerceram; e, dois, o fato de poderem a qualquer momento serem destituídos do cargo, caso os eleitores assim o desejarem.

O processo de relação e conexão direta para com o Conselho Popular está delineado no art. 192 da Constituição de 2019. Vejamos: “La Asamblea Municipal del Poder Popular para elejercicio de sus funciones se apoyaen sus comisiones de trabajo, en los consejos populares, en la iniciativa y amplia participación de la población, y actúa en estrecha coordinación con las organizaciones de masas y sociales.”

Esta modelagem que valoriza e prioriza o poder local dos municípios é tamanha a ponto destes, por meio dos seus representantes, escolherem os nomes dos Governadores e Vice-governadores das 15 Províncias existentes em Cuba, de modo que o Presidente da República escolha o nome dentre os indicados.

Não existe Poder Legislativo Estaduais (no caso Provinciais), tal como no Brasil. A força política está centrada nos municípios, por sua vez embasada nos diversos Conselhos Populares criados, como vimos.

Com efeito, no artigo primeiro da Constituição aprovada em 2019 é explicitado que Cuba é um Estado Socialista de Derecho y Justicia Social. Por certo que, nesta perspectiva, o Partido Comunista Cubano é o único admissível, o que não coíbe, pelo contrário, um debate crítico e apaixonado de teses apontando qual ou quais modelos de socialismo deve existir na Ilha caribenha.

Constatee, no cotidiano desta realidade em que vivi nestes dias, um cidadão extremamente preparado sob o ponto de vista do conhecimento e da formação político-ideológica em defesa do socialismo do seu País. Vi muita solidariedade, partilha, humildade. Em uma sociedade cujos salários guardam uma simetria justa e equilibrada. Observei cidadãos que defendem os ideais primevos da Revolução de 1959 de forma convicta e fundamentada. Neste ponto, a universidade e os centros educacionais (formais e informais), são pontos altos neste ideário. Não é a esmo que Cuba não possui analfabetos em sua população e os demais indicadores são elevados.

O exercício do poder local, por sua vez, reforça estas instâncias. As dificuldades pelas quais atravessam – e não são poucas, não arrefecem os ideais socialistas germinados no longo processo revolucionário gestado nestas terras.

### 13 O PROCESSO CONSTITUINTE DE 2018 E A CONSTITUIÇÃO CUBANA DE 2019

Acompanhei em 2018, desde Brasil, a efervescência dos movimentos sociais cubanos em torno da alteração de sua Lei Maior. Achei instigante quando soube, por meio de meus colegas professores universitários de “Marta Abreu”, que o Reitor Andres Castro Alegria fora eleito Deputado Constituinte. E mais instigante quando soube que para exercer esta missão sublime, não recebera um centavo de pesos adicionais sequer.

Fiquei sem entender essa questão: como um Reitor de uma grande universidade, eleito democraticamente pela comunidade local para exercer a tarefa de auxiliar na reflexão e nos debates que alterariam a maior lei deste País, nada receberia em troca. Estabeleci um parâmetro, como era de se esperar, com nossos deputados, senadores e demais cargos políticos, cujos salários constituem a maior faixa de dispêndios (depois do Judiciário, por certo), no Brasil.

Mas voltaremos a enfrentar essa questão, que julgo de fundamental importância, em outra crônica que se seguira mais ao final.

Neste passo, chamou-me a atenção para as convocatórias, na época, do próprio governo cubano para que a população, especialmente por meio dos seus Conselhos e demais entidades sindicais e de classe, fizessem um amplo e profundo debate dos temas trazidos na nova Constituição.

Hoje, 18 de fevereiro de 2022, presencio algo similar quando da proposta de reforma do Código das Famílias. Sim, famílias e não família. Toda a propaganda que vi, especialmente no canal de TV estatal (“Cubavisión”), é de um chamamento para a discussão e apresentação de proposta para as novas famílias ou tipos de famílias existentes em Cuba. Nesta, o leque de famílias é extenso, considerando as questões de gênero, de sexo e, também, as questões migratórias.

O processo de debate intensificou-se a ponto de terem sido registradas 133.681 reuniões para esse fim, com uma participação efetiva de oito milhões e novecentos e quarenta e cinco mil cubanos(as), resultando na apresentação de setecentas e oitenta e três mil cento e setenta e quatro propostas.

Em 24 de fevereiro de 2019 Cuba usa uma forma de consulta bastante utilizada no sistema político, o *referendum* popular. No levantamento fotográfico constante do anexo desta obra encontramos um chamamento, colado nas portas de entrada dos apartamentos dos prédios residenciais desta Universidade, para que a população fosse às urnas e dissesse se aceitaria ou não a nova Constituição. O resultado desse processo é no mínimo interessante: 90,15% da população, o que representa sete milhões dos oito milhões de eleitores devidamente inscritos (números redondos), vai voluntariamente às urnas e 78,30% destes dizem sim ao novo Texto Constitucional.

A Constituição vigente desde 2019, traz um regime misto entre presidencialismo e parlamentarismo, com a figura do Presidente da República e do Primeiro Ministro (pouco conhecida ainda), ressaltando como ponto fundamental o Poder Popular.

É nesse contexto que temos a figura do Consejo Popular, já analisada na crônica precedente, bem como da arquitetura montada a

partir da Assembleia Municipal (privilegiada nesta construção de poder), bem como nos poderes dado à Assembleia Nacional del Poder Popular, o que equivale ao nosso Congresso Nacional.

Este órgão, que é erigido à “órgano supremo del poder del Estado” (art. 102), deve representar todo o povo e expressar sua vontade soberana.

Resultado de um processo de ampla discussão e debate, esta Assembleia Nacional possui poderes não somente de legislar, como também exercer o controle de constitucionalidade das leis e dos decretos, além de outras atribuições afeitas à um Tribunal Superior, tal como temos no Brasil com o STJ e o STF. Exemplo concreto vimos na letra “b” do art. 108, quando outorga à Assembléia Nacional uma interpretação das leis conforme a Constituição. Compete a esta Assembleia a própria revogação, total ou parcial, de leis ou decretos que não estejam em conformidade com a Constituição.

Analisando suas várias atribuições, constantes no art. 108, encontraremos tarefas que, no nosso sistema, cabem ao Executivo. Exemplo disso é a discussão das metas e planos de planejamento econômico e social, interferência no sistema fiscal e financeiro, política externa, além de exercer a fiscalização dos órgãos de Estado, bem como avaliar as informações das empresas estatais.

O Superior Tribunal Popular (S.T.P), estabelecido de forma autônoma e independente, possui seus juízes eleitos pela Assembleia Nacional, sendo os demais juízes, togados ou leigos, eleitos para exercerem suas atribuições.

Existe em Cuba a figura do Juiz Leigo, que nos é conhecida em um passado não tão distante, quando tínhamos na Justiça do Trabalho os chamados “Juizes Classistas”. A composição das Varas do Trabalho era de três juízes, sendo o do juiz togado que a presidia,

depois os juízes leigos representando a classe trabalhadora e a classe patronal.

No caso cubano as composições das juntas e das turmas do TSP são de cinco juízes: três togados, de carreira, mais dois representantes dos trabalhadores (uma vez que não existem classes), indicados pela Central dos Trabalhadores de Cuba (C.T.C).



## **14 O SISTEMA DE SEGURIDADE E SEGURANÇA SOCIAL A PARTIR DO MODELO SOCIALISTA CUBANO**

Minha estada em Santa Clara, nestas duas semanas, não foi planejada para ser uma daquelas viagens de férias. Estar no caribe e não conseguir sequer ir visitar as belas praias da região é pelo menos um indicativo dos meus propósitos.

Como estudioso dos direitos sociais, especialmente nas áreas da previdência e assistência social brasileira, venho me indagando como um país socialista como Cuba faz o enfrentamento de questões centrais vinculadas a estes direitos.

Diante do desmantelamento de nossas políticas públicas da área, bem como dos direitos sociais levados à cabo por meio de várias reformas (Trabalhista, Previdenciáriaetc), interessa-me investigar como dá-se o sistema de acesso aos direitos assistenciais, por um lado, bem como a resolução dos conflitos quando do adoecimento dos trabalhadores.

A questão central trazida pela judicialização destes direitos, especialmente no que respeita às perícias médicas, dramáticas no caso brasileiro, mereceria uma investigação mais detalhada.

Na perspectiva de entender o sistema por dentro, a partir da fala dos seus usuários, passei a sondar esse mecanismo. Neste passo, fiz uma entrevista mais técnica e teórica para compreender estas estruturas, momento em que contei com a colaboração do Prof.

Fernando Cherri, titular da cátedra de Direito Laboral da Universidad “Marta Abreu” de Las Villas.

A começar, uma semelhança com o órgão gestor do sistema geral de proteção social. O órgão gestor denomina-se I.N.S.S (Instituto Nacional de Seguridad Social). É ele quem administra, planifica e controla os recursos e gastos com benefícios e prestações. O sistema é dividido em três grandes grupos: a Seguridad Social (que abrange os trabalhadores estatais e todos os demais (por conta própria, microempresários e outros); o sistema de Assistência Social, para auxílios e benefícios temporários, e um terceiro sistema de regimes especiais, destinados aos militares (cujos critérios são os mesmos que o do regime geral), regimes de artistas, ex-combatentes e outros.

Tal como no sistema brasileiro, a idade para aposentadoria é de 65 anos (homens) e 60 anos (mulheres), embora com a Reforma da Previdência trazida pela Emenda Constitucional n. 103/2019, a nossa idade alcance os 62 anos em 2023, agregado um tempo, para ambos, de contribuição de trinta anos.

No que respeita aos benefícios por incapacidade, quando da falta de saúde para o trabalho ou para a vida habitual, temos muitas lições a aprender com o modelo socialista cubano.

A começar pela impossibilidade de os trabalhadores e trabalhadoras permanecerem sem seus salários quando do adoecimento ou, no caso de judicialização, não receberem seus salários até o término dos processos.

Com efeito, é garantido os vencimentos ou salários até o final dos recursos administrativos ou dos processos judiciais.

No caso de benefícios por incapacidade temporária (o nosso auxílio-doença ou o atual auxílio por incapacidade temporária), até seis meses de duração, caso persista a incapacidade o segurado faz

um recurso a uma Comissão Provincial (na localidade em que reside), o que evita comumente a judicialização das demandas.

Quando o benefício for de longo prazo, ou seja, mais de seis meses de manutenção da incapacidade, o recurso administrativo é direcionado ao próprio órgão gestor, o INSS cubano, que o avalia por uma junta médica. Caso não seja aceito o recurso, cuja interposição é obrigatória (diferente de nosso sistema brasileiro), o recurso judicial é diretamente ao Tribunal Superior Popular. Não há recursos intermediários. Da decisão do T.S.P, composto por cinco juizes (três de carreira e dois leigos vinculados ao movimento dos trabalhadores), cabe em 90 dias outro recurso de reconsideração, para o mesmo T.S.P.

Analisando a realidade fática, chego a algumas conclusões a partir do que vivenciei e observei. A começar pelo sistema de saúde considerado exemplar. Cuba vem, desde a Revolução de 1959, priorizando a saúde primária, de atenção direta às famílias, em uma medicina preventiva e não curativa.

Caminhando pelas ruas de Santa Clara, encontramos em cada quarteirão uma casa pintada de verde claro com as inscrições C.M.F. Estamos diante do Consultório Médico dellaFamilia. Os números que constam ao lado são justamente a numeração das casas abrangidas pela área (confira foto no anexo).

O modelo é organizado por quarteirões, nos bairros, de forma localizada. Na verdade, as circunscrições são as mesmas existentes nos Conselhos Populares, tendo em cada local um posto de atendimento médico, com profissionais da saúde que visitam a população em suas casas. Além disso, registre-se, geralmente médicos, enfermeiros e demais profissionais que trabalham nos centros de saúde residem na mesma comunidade.

Essa fluidez e contato com a realidade facilita enormemente quando o cidadão, não importa qual seja seu trabalho ou condição, venha a necessitar do auxílio destes profissionais para encaminhar seus benefícios.

Não há quaisquer dificuldades para a realização de consultas, exames, bem como a aquisição de medicamentos que é feito gratuitamente nas farmácias estatais, a partir do receituário que já constará no sistema.

O fato de todos se conhecerem, uma vez que o tratamento com as famílias permite uma relação e interrelação mais estreita entre as equipes profissionais e a população atendida naquele local específico, facilita o trâmite das demandas. A burocracia não serve como obstáculo, como se vê no caso brasileiro no mais das vezes.

Quando tentamos explicar nosso modelo de avaliação pericial não logramos êxito. Há uma distância abismal desse modelo extremamente humanista, cujas equipes deslocam-se cotidianamente às residências das famílias, valorizando os saberes e as culturas tradicionais, para com o nosso modelo técnico-burocrático, em que um sistema de computador se encarrega de dizer, ao fim e ao cabo, se há ou não incapacidade laboral.

Temos inúmeros exemplos dessa modelagem quando da estada dos médicos e médicas cubanas no Brasil. Uma boa parte deles(as), se não a maioria, residiam nos mesmos bairros que os usuários do S.U.S. Sequer tinham carro, utilizavam transporte público ou a nossa conhecida e prestigiada bicicleta, como ocorre aqui em Santa Clara.

Lamentavelmente o (des)governo de Jair Bolsonaro desmantelou o programa “Mais Médicos”, ocasionando um déficit de médicos em várias regiões do Brasil, especialmente aquelas mais precárias em que os profissionais brasileiros não demonstram quaisquer interesses em trabalharem.

Sob o ponto de vista da judicialização, é visto como forma de justiça social a existência dos juízes leigos, que representam os trabalhadores, na composição do Tribunal Superior Popular. Estes juízes, que são eleitos e possuem os mesmos direitos e deveres que os juízes togados, são oriundos dos movimentos sociais. Conhecem a realidade social, pois tiveram nela gestadas suas vidas. Espera-se, portanto, que as decisões sejam mais justas.

Busquei investigar, de forma paralela, qual seria o papel da Assistência Social neste sistema protetivo. E o fiz por uma gigantesca preocupação que venho tendo com os rumos que tomou a Assistência Social brasileira, uma vez que se firmou um entendimento, mesmo que velado, que seu destinatário deve ser miserável. Mesmo no campo do judiciário, a toga em terra *brasilis*, representada por uma elite de servidores públicos concursados que recebem ótimos salários e vivem em condomínios luxuosos isolados do mundo real, há o pressuposto da extrema pobreza para que os cidadãos acessem aos benefícios assistenciais.

Com efeito, a Assistência Social está alocada, juntamente com a Previdência, no Ministerio del Trabajo y Seguridad Social. Ela é uma política protetiva que somente pode ser compreendida em conjunto com o trabalho, propriamente dito, e com a previdência e a saúde.

A compreensão do que é a Assistência Social em Cuba se reveste de um significado importante para uma visão humanista do ser humano em sua integralidade. Ela representa desde os benefícios pontuais alcançados, passando pelos medicamentos repassados gratuitamente nas farmácias estatais, como os mais complexos serviços hospitalares (cirurgias de alta complexidade, próteses, órteses) à disposição da população.

Caminhando pelas apertadas ruas históricas de Santa Clara, cujas calçadas não permitem o trânsito de mais que duas pessoas, Prof. Edgardo Romero me falou sobre um projeto que sua esposa, também professora, estava realizando com uma população determinada. Ao fazer a interlocução, utilizei no contexto de minha fala a expressão vulnerável. O mestre Edgardo me interpelou, com a educação e gentileza que somente os verdadeiros mestres possuem, dizendo que em Cuba não é utilizado esta categoria. Não há vulneráveis. Todos possuem acesso ao mínimo existencial. Não há analfabetismo e alguém que não tenha alimento e necessite pedir pelas *calles* (ruas). Me disse, recorde-me vivamente, que existem pessoas e comunidades que necessitam de questões pontuais.

A partir da vivência nestes poucos, mas intensos dias vividos em Santa Clara, fico pensando em qual sociedade há mais justiça social. Relembro do que passamos no Brasil, diante da “alta-programada”, instituto jurídico/administrativo que estipula aos segurados e seguradas um prazo limite de quatro meses para, milagrosamente, retornarem às suas atividades. A perplexidade vai às alturas quando o próprio judiciário brasileiro não somente aceita esta alta legal, mas aplica a mesma sem qualquer evocação dos demais princípios jurídicos que deveriam proteger a população que mais necessita destas políticas públicas.

Fico pensando nos milhares de usuários do sistema protetivo que já não protege mais, diante de uma operação denominada “pente-fino”, cujas perícias fugazes não perduram mais que 15 minutos e decidem a vida (e a morte) dos usuários. Arrepio-me cada vez que um segurado ou segurada perde o benefício por incapacidade temporária porque o S.U.S não permitiu um agendamento dos exames a tempo. Ou, pior, quando sequer o usuário conseguiu um atestado médico no posto de saúde, fato este que se agravou na dura

pandemia que (ainda) enfrentamos ao tempo em que escrevo estas crônicas.

Derradeiramente, nunca consegui compreender como um sistema de proteção social, aceite um limbo previdenciário-trabalhista, que permite o não pagamento de salários ou benefícios quando o usuário ainda discute seus direitos.

Portanto, antes de reproduzir um discurso padrão, proferido de um lugar comum, de que o socialismo em Cuba é autoritário e opressor, olhemos para nossa própria realidade e tiremos as conclusões.





## **15 DESMISTIFICANDO OS MITOS**

O movimento, ainda em curso no Brasil, o qual venho denominando de neo-reacionário-liberal, que com o (des)governo de Bolsonaro veio a coroar uma espécie de Badfare-State à brasileira (ou Estado Malfeitor), elegeu países como Cuba para dar um tom que vai do sarcasmo à pejoratividade deste sistema.

Comumente ouvimos a expressão “vá pra Cuba!”. Basta discordar de qualquer política vigente, que a saída é apontada para a Ilha que Resiste ao brutal e bárbaro capitalismo que vislumbramos em pleno século XXI.

A primeira mensagem que me passa, quando ouço estas expressões, é a de que temos no Brasil uma sociedade de liberdade plena, com o arbítrio de escolhermos o que comemos, o que vestimos, fazemos, estudamos e até pensamos. Liberdade total e irrestrita. Tanto é verdade que um dos principais argumentos do staff governamental brasileiro se traduzia pelo direito de o cidadão em vacinar-se, usar máscara, ir trabalhar (quando a pandemia chegou a ceifar 3 mil vidas em um só dia).

Ao contrário desse cenário paradisíaco, temos o perigoso “comunismo” cubano. Nele, por suposto, não há espaço para a decisão, a escolha, o exercício da democracia e da liberdade de expressão.

Um modelo socialista em que o exército domina absolutamente tudo, imperando um medo constante de ser abordado, interrogado,

preso. Ou, o que é muito comum ouvirmos, de que não há espaço para o trabalho privado, sendo tudo absolutamente do Estado. Aliás, paira uma crença (mitológica) de que tudo pertence ao Estado cubano. Um Leviatã de esquerda.

Por certo que uma mentira, repetida muitas vezes, termina por se consolidar em verdade. Isso é fato!

Pretendo nesta crônica, porém, demonstrar que estes vários mitos só se justificam enquanto mitos. Não correspondem, de forma alguma, à verdade dos fatos.

Quero problematizar estas questões trazendo minha experiência ordinatória de vida, durante estas duas semanas que vivi intensamente em Santa Clara.

A começar, não tive absolutamente qualquer dificuldade, afora as severas regras sanitárias que Cuba adota, as quais duvido que algum cidadão do mundo se oponha neste momento pandêmico, de ingresso no País.

Tive receio, por certo, em ser revistado e admoestado devido à grande quantidade de medicamentos que trouxe, a pedido de colegas que estão necessitando de algumas medicações em falta na Ilha por uma única razão: o bloqueio insano estadunidense que não permite o ingresso de insumos, utilizados no fabrico de vários medicamentos.

De forma insistente, por várias vezes perguntei aos meus colegas, professores de “Marta Abreu”, se teria algum problema aduaneiro. Sempre me diziam que Cuba está isentando de impostos e permitindo o ingresso destes fármacos, o que é entendido como “ajuda humanitária” diante da grave crise que enfrentam.

Não foi diferente. Ao passar pela esteira detetora de objetos, disse que teria muitos medicamentos e fiz uma indicação que iria abrir a bolsa. Foi-me dito que não havia necessidade sequer de abri-

la. Tive mais problemas no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, quando minuciosamente tudo foi revisto, tendo sido me perguntado se eu trabalhava na Cruz Vermelha. Isso é fato!

Em relação a predominância e preponderância da farda verde oliva, tal como utilizava o comandante Che Guevara, é um outro mito que não se sustenta. Nas minhas muitas andanças com Martita, no deslocamento diário do campus para o centro de Santa Clara, vice-versa, bem como no reconhecimento feito pela cidade, em nenhum momento me senti intimidado. Não fui parado por nenhuma barreira. Aliás, não vi absolutamente nenhuma delas. Pontualmente, tal como em minha região, os guardas de trânsito estavam observando o movimento. Apenas isso!

Com efeito, há muito tempo não me sentia tão seguro e tranquilo para andar pelas ruas. Sabia que não correria o grande risco que temos em qualquer cidade brasileira.

No que respeita à liberdade, este item merece uma detida análise reflexiva.

Tive vários exemplos, nos mais variados campos, que me permitem fazer um juízo mínimo de valor para julgar este item.

Começo por um ponto que poderia passar despercebido. A liberdade religiosa. E começo por este ponto porque sempre me passaram uma ideia de uma Cuba atea, em que as pessoas não tinham alguma fé ou espiritualidade. Ledo engano!

Nas caminhadas que faço rotineiramente no campus da Universidade, do Hotel de passagem “Los Sauces” até a casa de meu colega Jaime Ruiz, uma vez que todas as refeições principais faço com sua animada e unida família, observei por duas vezes alunos vestidos de branco. Perguntei ao Jaime se eram alunos do curso de medicina ou da saúde. Não eram. Andam sempre vestidos assim por

pertencerem a uma religião de origem africana. Presenciei no centro de Santa Clara, precisamente na Praça Lido, a mesma cena.

O mesmo ocorre com os alunos estrangeiros, que observei aqui no campus universitário, que professam outras religiões orientais. Não há, portanto, qualquer hostilização, mas sim respeito, a estas culturas e opções religiosas.

Quero, avançando neste campo, tocar em um ponto delicado que versa sobre a liberdade. A questão do acesso à comunicação. Isso porque, ao que chega no Brasil, Cuba é uma Ilha hermética em que não entra e nem sai nada que não seja proferido e permitido pela imprensa estatal oficial.

Também não se sustenta esse mito, consistindo em mais uma das (tantas) falácias sobre a Ilha que Resiste.

E começo este ponto fazendo uma alusão a um produto de nosso capitalismo, reconhecido no mundo inteiro pela sua qualidade de excelência: as novelas da TV Globo.

Pois bem, espantou-me a primeira vez que ouvi música brasileira justamente na TV oficial estatal, a Cubavisión. Isso mesmo, a TV oficial está rodando para todo o país a novela “Dulce Ambición”. Quem não lembra desse sucesso da TV Globo? Indaguei, espantado, a algumas pessoas esse fato que achei curioso. Nada de novidade. Me disseram que há décadas veem as novelas brasileiras. Uma após a outra. Sucesso total e absoluto para a “Escrava Izaura”.

Por óbvio que os canais televisivos são críticos ao capitalismo, tais como o canal Caribe, A RussiaToday e a TV Rebelde. Obvio que não estamos no capitalismo e as notícias e perspectivas não possuem os referenciais atinentes ao nosso sistema.

A comunicação com o mundo globalizado resta inevitável por meio do uso de celulares com planos da internet, cujo acesso é possível através de contas ou de cartões para este fim.

A partir dele, o contato com o mundo é inevitável. As redes de Facebook e WhatsApp são usuais, sendo esta última muito utilizada na Ilha.

O quarto ponto que destaco acerca deste tema, gira em torno de dois mitos que sempre vem à tona em qualquer conversa que se tenha sobre a Ilha socialista. Diz respeito a propriedade privada, julgando-se que tudo é do Estado, bem como a questão da liberdade de mercado.

Desde 2010 qualquer cidadão cubano pode comprar sua casa, registrá-la, podendo vendê-la quando bem o entender. Assim ocorre com os veículos e demais bens imóveis. Não há qualquer restrição a essa realidade, que perdura há mais de uma década, estabelecendo-se o comércio neste meio, tal como ocorre no Brasil e em qualquer país capitalista.

É de difícil compreensão esta questão da propriedade privada, quando se tem uma concepção arraigada no capitalismo. Não é admissível, a nosso ver e julgar, que não sejamos donos, proprietários dos bens imóveis.

Eu tinha, confesso, igualmente uma dificuldade de compreender como estas questões se resolviam em uma sociedade socialista, diferente da nossa capitalista. Quando meu colega Prof. Jaime me dizia que morava com sua família em um prédio da universidade e de propriedade estatal, não compreendia. Hoje compreendo perfeitamente. E o caso concreto de Jaime, que é de grande parcela dos trabalhadores de “Marta Abreu”, merece uma reflexão.

O prédio em que residem é cercado de outros conjuntos habitacionais destinados à habitação dos estudantes, além dos prédios em que ocorrem as aulas. Ocupam os apartamentos, que são de bom tamanho e possuem toda a infraestrutura necessária para viver dignamente, professores, técnicos administrativos variados e demais trabalhadores da universidade. Todos em um mesmo espaço, de forma igualitária. O valor que pagam ao governo é de 20 pesos cubanos à título de aluguel. Se pensarmos em dólar, o equivalente a \$ 1,10 da moeda norte-americana). Se cambiarmos para o real, teremos algo em torno de R\$ 5,00. Perquiri, porém, qual seria a taxa de luz e água, mormente porque no Brasil estas taxas, especialmente a primeira, está a preço de ouro. Respondeu que absolutamente nada. Não há qualquer onerosidade nestes dois serviços, e nem em outras taxas e impostos, à exemplo de nossos IPTUs que também são aviltantes. Nada! Todos estes serviços são prestados por empresas estatais, de modo que não há incidência de lucro ou algo que o valha.

Este exemplo concreto que dou é importante, a meu ver, para se estabelecer uma relação de equivalência justa, quando se avalia do salário no Brasil, correspondente a \$ 200, enquanto em Cuba é em média de \$ 20.

Com efeito, a única restrição que observei ainda permanece na propriedade das terras, cujos camponeses são usufrutuários ou concessionários. Ocorre que para eles não faz diferença alguma. A posse se transmite de geração em geração. Não é possível, porém, serem ociosas e nada produzirem. A função social da propriedade, assim como escrevemos em nossa Constituição Federal de 1988 e nunca conseguimos cumprir, é nata. A terra é de todos, devendo produzir. Caso contrário é remanejada. Ponto!

No que diz respeito à liberdade de comércio, ou na escolha do trabalho, o mito de um estatismo exacerbado cai totalmente por terra.

Essa questão me chamou a atenção desde minha primeira ida, de bicicleta, a Santa Clara. Há muitas, mas muitas motonetas que fazem esse trajeto. Uma após a outra. Uma diferente da outra. Além disso, outros meios de transporte, os mais diversos possíveis, para sanar um dos problemas que existe na Ilha pelo que sondei: o transporte coletivo de pessoas.

Perguntei aos meus amigos cubanos se todas elas eram do Estado. Com ares de ironia me responderam incisivamente que não. Todas eram, ao contrário, de particulares que tem autorização do Estado para fazerem o trabalho. Em muitas há escrita a palavra “Táxi”. Idêntico sistema usado por nós. Sem a existência de motoristas de aplicativos, ainda.

O valor da passagem, em um percurso de quase 10 km, é de apenas \$ 10 pesos cubanos, o que equivale, em reais, a R\$ 0,55 cada passagem. Isso só é possível, por certo, diante de uma economia planejada e regulada de mercado, uma vez que o Governo Cubano fixa um preço menor para que estes trabalhadores autônomos possam executar um trabalho com preço mais baixo para a população usuária.

Ao longo do caminho me chamou a atenção outro detalhe. O número enorme de pequenas tendas, ou até mesmo casas que são transformadas em pontos de vendas dos mais variados produtos, especialmente hortifrutigranjeiros.

Busquei, durante minha estada por aqui, entender melhor isso. Fui descobrindo que também são particulares, privados. Os de maior porte, possuem uma licença e pagam uma taxa para atuarem. Em alguns são os mesmos produtores que colocam à beira da carreteira suas módicas bancas de venda. Outros, parece que não poucos, são os nossos conhecidos “atravessadores”, que compram dos agricultores e revendem. Todos particulares, privados, portanto.

Presencia-se, no centro de Santa Clara, uma infinidade de empreendimentos de pequeno porte, representados por loja de conveniências, vendas de pequenas *galletas* (bolachas), ferragens, lojas de roupas, de tudo um pouco. E uma quantidade de *Hostels* incontáveis, espalhados por toda a cidade. Todos, absolutamente todos, empreendimentos privados.

Explica-me o Prof. Jaime Ruiz, doutor em economia, que o Estado não pretende onerar estas atividades e seus exercentes, de modo que a legislação tributária atual isenta de impostos os recebimentos anuais até 39 mil pesos cubanos. Isso equivale a pouco mais de três mil pesos por mês.

Por outro lado, é nítido o crescimento exponencial dos denominados Trabalhadores por Conta Própria, o que seriam os nossos autônomos. Espalham-se por todos os lados os mais diversos trabalhos, não cobertos pela rede estatal e sem obstaculização do Estado. Muito pelo contrário!

Desse modo, mitos desfeitos, quando alguém lhe disser que em Cuba tudo é do Estado, pode devolver a questão com uma outra pergunta: - você conhece o sistema socialista cubano?



## **16 UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA E HUMANISTA**

Esta, com toda a certeza, é a crônica mais difícil de escrever. Na madrugada deste 24 de fevereiro, à espera para realizar um exame de PCR como condição para deixar Cuba, muitas reflexões e lições tiro destas duas semanas.

Talvez a primeira delas seja justamente a forma como esta pequena Ilha caribenha que resiste ao capitalismo, sofrendo por isso o próprio bloqueio estadunidense, esteja lidando com a pandemia que atinge o mundo todo.

Agora, na partida, faço outro exame de PCR rápido, sob pena de, em positivando, ter de permanecer em quarentena. O antagonismo de procedimentos, em comparando-se ao Brasil, é gigante, uma vez que não há qualquer rigor de nosso País com as medidas sanitárias neste sentido. Não causa espanto, porém, quando os exemplos das lideranças maiores são totalmente contrários à essas regras.

Já narrei, no começo desta coletânea de crônicas, o cuidado e o protocolo sanitário exigido para os estrangeiros. Não declinei, ainda, minha impressão que fica de toda a população quando não sai na rua sem seu “nasobuco” (máscaras). As crianças, de tenra idade, usam esta proteção básica igualmente. Estas, aliás, já vacinadas a partir dos 2 anos de idade.

No campus universitário, mesmo sendo ao ar livre, os estudantes e trabalhadores circulam usando máscaras. Todos os que conversei possuem a consciência da medida protetiva adotada. Absolutamente ninguém duvida das duas vacinas exitosas e

comprovadamente eficazes, produzidas genuinamente em Cuba: a Soberana Plus e a Abdala.

Estas medidas, ou seja, medidas protetivas elementares e um calendário vacinal completo que já ultrapassou mais de 90% da população cubana, nos dá uma segurança ímpar, inclusive para exercermos nossas atividades presenciais.

Com efeito, o combate ao Covid-19 e os resultados exitosos, reconhecidos internacionalmente, obtidos por Cuba, estão conectados diretamente com o título desta crônica.

Estabelecendo algumas comparações ao nosso sistema capitalista brutal, veremos que o socialismo adotado na Ilha confluuiu para a obtenção destes índices e indexadores que por vezes são igualmente bloqueados pela imprensa internacional. A começar pelo falso dilema do “trabalho versus isolamento social”. Se no Brasil houve uma opção clara na exposição dos trabalhadores à contaminação e à morte pelo vírus letal, em Cuba quando foi preciso houve e há medidas restritivas duras e cumpridas por todos. A vida foi e é colocada em primeiro plano. E deve ser em uma sociedade que se pretende humanista.

Os serviços de proteção à população, considerados essenciais, não deixaram de funcionar. No Brasil tivemos o fechamento por mais de ano do próprio INSS brasileiro, bem como dos postos de atendimento do CRAS (Assistência Social), responsáveis pela feitura do Cadastro Único que dá acesso a todos os programas de transferência de renda (inclusive o auxílio-emergencial). Alegar que o sistema migrou para o virtual, enquanto a população carente não tem internet ou quiçá o aparelho celular (ou quando o tem é vulnerável informacionalmente e não sabe utilizar os sistemas), é pura falácia.

Enquanto tem-se em Cuba uma política protetiva de seguridade social, do INSS local cubano, que garante a prestação de benefícios previdenciários e assistenciais, bem como um processo de judicialização rápido e mais justo, nós tivemos aguçado a operação “pente-fino” em plena pandemia. Traduzindo, para quem não é afeito a estas questões que constroem os próprios causídicos face aos seus clientes, tamanha sua crueldade, tanto os benefícios previdenciários por incapacidade mantidos há mais de dois anos, como os benefícios assistenciais, foram e são revisados pelo INSS brasileiro. Em uma guerra cuja desproporção de armas é evidente: os usuários sequer conseguem no S.U.S os laudos, exames e outros procedimentos, a tempo hábil para apresentarem no INSS.

Em Cuba, pelo que colhi, ninguém foi submetido a uma “operação de morte” aos direitos sociais, tal como entre nós. Muito menos nenhum cidadão perdeu seu benefício enquanto recorre no INSS local ou judicializa sua demanda.

E aqui ingressamos em uma seara fundamental. A questão da saúde. Neste ponto, facilmente conclui-se que o sistema cubano é extremamente humanitário, uma vez que dispõe de uma saúde preventiva, à cargo das equipes de saúde, que atendem aos cidadãos em seus domicílios. O acompanhamento não sofre solução de continuidade. É organizado por bairros (circunscrições), tal como o são os Conselhos Populares. Por isso a fluidez e o combate à pandemia de forma rápida e eficaz.

Vamos adelante!

Também relacionada às condições humanitárias, devido ao sofrimento em que ingressam os mais necessitados e hipossuficientes, quando dos efeitos de uma pandemia ainda em curso, há de se observar o atendimento às necessidades elementares desta população.

Neste ponto, se em Cuba todos os recursos naturais e as empresas prestadoras dos serviços elementares são estatais, ou seja, mesmo que se forem sociedades anônimas elas devem prestar contas ao Estado, é possível o controle dos preços. É o que ocorre com o combustível, por exemplo. Somente é possível medidas desse cunho em uma sociedade de economia planificada. No capitalismo, baseado na livre concorrência e em um mercado que possui “leis” que o próprio mercado desconhece, quem paga a conta são os mais pobres. Sempre!

O exemplo que temos e vivenciamos no Brasil escancara às vísceras esse modelo. Em plena pandemia, não houve perdão das dívidas e tributos aos mais vulneráveis. Por alguns poucos meses restou vedado o corte de água e luz dos inadimplentes, bem como postergados os contratos imobiliários relativos aos financiamentos. E só! Em Cuba, pelo que verifiquei, até hoje vários tributos estão isentos, justamente pela crise econômica que assola a Ilha, mormente quando é afetada uma das suas principais fonte de renda que é o turismo. E, por outro, o bloqueio patrocinado pelos E.U.A traz inúmeras privações de acessos a bens e a serviços, como demonstrei ao longo destas crônicas. Para se ter uma ideia, no governo de Trump foram impostas 242 medidas restritivas em relação aos cruzeiros, vedando o ingresso em Cuba. Biden, por sua vez, ainda não revogou nenhuma delas.

Em relação ao item desigualdade, ou igualdade, em seu sentido oposto, impossível não tecermos considerações tendo o Brasil como parâmetro. Até mesmo porque em nosso País, temos lamentavelmente um rico material de estudo, vez que somos um dos países mais desiguais do mundo. Rico e pobre ao mesmo tempo. Uma renda per capita alta e uma miserabilidade ou pobreza absoluta que com o (des)governo de Bolsonaro nos guindou a posições

maiores no ranking nada honroso da desigualdade mundial. Um agronegócio que se diz pop, por um lado, e a falta de alimentos (especialmente pela suba dos produtos), para grande parte da população brasileira. E assim vai a longa lista.

Temos, na sociedade brasileira, uma disparidade salarial gigantesca, em comparando-se com a de Cuba. E penso não valer o argumento de que esse critério não dever ser considerado, diante das peculiaridades de cada sistema. Acredito que não, por uma razão singela: se em uma sociedade capitalista tudo é absolutamente adquirido com o salário e proventos, por certo que o poder aquisitivo é que permite uma qualidade de vida mais digna e humana, portanto. Além do mais, se estamos falando de humanismo e igualdade, é óbvio que uma análise comparativa me permite avaliar as várias premissas (a meu ver várias delas falsas), a respeito do socialismo em Cuba.

Neste passo, estudei algumas profissões e suas respectivas remunerações. Os professores universitários recebem entre 5 mil a 8 mil pesos, valores mínimos, para início de carreira, e máximo conforme forem avançando na carreira. Os médicos, que são uma categoria muito bem remunerada em Cuba, recebem de 7 a 8 mil pesos cubanos. E os magistrados, por sua vez, valores nas mesmas faixas que os médicos. Indaguei, curioso, quanto percebia um Ministro do T.S.P: o mesmo valor que um professor em final de carreira. Há de se frisar que o salário mínimo em Cuba gira em torno dos 2000 pesos cubanos.

A realidade brasileira, por sua vez, é calcada em uma discrepância salarial absurda. A começar pelos elevados salários do Judiciário brasileiro, cujos salários de juízes em entrância inicial não baixa dos 27 mil reais. O salário de desembargadores, somadas as vantagens pecuniárias que acumulam, gira em torno dos 50 mil reais.

A realidade no Executivo e nos legislativos, por sua vez, embora em valores remuneratórios menores e variantes, não é outra. O salário-mínimo nacional no Brasil, por seu turno, está atualmente em R\$ 1.212,00.

Em relação ao dispêndio gigantesco que temos, no Brasil, para manter os salários e demais perdulários de nossas mais de quinhentas mil câmaras de executivos municipais, bem como de nossos deputados estaduais, federais e senadores, vem da Ilha caribenha um inegável exemplo. A começar pelo processo democrático de representatividade. Se no Brasil após poucos meses das eleições o cidadão sequer sabe o nome do candidato que ele elegeu, no sistema cubano o representante é oriundo dos movimentos sociais, devendo a eles a obrigação de periodicamente prestar contas. Caso não o faça, é destituído e eleito novo representante. Não há direito à estabilidade no mandato ou cargo.

Outrossim, por serem as circunscrições que elegem seus representantes, a ligação é direta, seja em termos de cobrança, seja pelo efetivo controle do mandato. E, não menos importante, existe a compreensão de que ser político não é ser carreirista, não é uma profissão. Por isso que é vedada a percepção de rendimentos. Cada qual tem sua profissão e a segue exercendo, podendo, se for funcionário público, como na grande maioria dos casos diante do alto grau de estatização dos serviços, ter redução de carga horária, mas não acumulação de salários.

Não tenho dúvida que se tivermos no Brasil algumas medidas de equilíbrio na distribuição dos salários e rendas (pois quem arca com esse ônus são justamente os pobres através do imposto indireto), aliado ao corte dos absurdos valores dispendidos com os políticos, teríamos uma excelente fonte de renda para reverter em benefício daqueles que fazem a riqueza e dela não participam.

**17 CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO: UMA ILHA QUE SE ATREVE A DESENVOLVER SUAS VACINAS CONTRA O COVID-19**

A produção corajosa das vacinas cubanas sempre me intrigou. Pensava: como um País pobre, com escassos recursos, poderia produzir não uma, mas cinco vacinas contra o vírus letal?

Não me espantava, contudo, o fato de a medicina e a pesquisa em biotecnologia em Cuba serem mundialmente reconhecidas. Em 1989, por exemplo, a pequena Ilha se agigantou quando fez a primeira vacina para o combate exitoso da meningite B, assim como a produção de medicamentos retrovirais de combate ao HIV e a Sífilis.

Tão logo desencadeou a pandemia, Cuba passou a desenvolver suas pesquisas, por meio do Centro de Engenharia Científica e Biotecnológica de Cuba, bem como da BioCubaFarma, ambos estatais.

A escolha dos nomes das vacinas dá o tom de ousadia e enfrentamento ao capitalismo e ao bloqueio selvagem capitaneado pelos E.UA: Adbala, já aprovada pelos organismos internacionais, é referência a um poema de José Martí; Manbisa, por sua vez, refere-se aos guerrilheiros que lutaram o contra o domínio espanhol, bem como as Soberanas 1, 2 e Plus, esta última já aprovada e aplicada, dispensam comentários.

Resultado dessa equação, mesmo contra o insano bloqueio norte-americano que conduziu a falta de seringas para aplicar as

vacinas, vê-se no resultado exitoso da campanha vacinal: mais de 90% de todos os 10 milhões de cubanos e cubanas estão com as três doses da vacina. O que incluiu, ainda, crianças com mais de 2 anos dentro desta conta.

Enquanto o mundo fechava suas escolas, Cuba as reabriu, com os cuidados sanitários devidos, o que se deve bem fazer. Eu mesmo sou testemunha viva disso. Já contei nas crônicas iniciais estas experiências vividas agora na Ilha.

O resultado de eficácia da Adbala, por exemplo, foi de 92%, enquanto da Soberana 2 foi de 91,2%. Esta ousadia permitiu que Cuba exportasse suas vacinas para vários países, como o Vietnã, Venezuela, Irã e a Síria.

Por outro lado, enquanto nos sistemas capitalistas as vacinas tem como o objetivo o lucro, por isso são extremamente onerosas, Cuba produziu vacinas de baixo custo, que podem ser armazenadas em geladeiras.

Necessário dizer que toda a tecnologia é produzida pelo setor estatal público, o que permite a desmercantilização das referidas.

Em Santa Clara, quando de minha estada, presenciei um momento que permite afirmar que o sistema de saúde, da forma como é organizada, contribuiu decisivamente para o sucesso da vacinação de mais de 90% da população. Quando estava na casa de meu orientador, seu filho mais novo o chamou porque a equipe do centro médico de sua circunscrição queria falar com ele. No seu retorno me disse que periodicamente é visitado por uma equipe de médico(a) e enfermeiro(a), que compõe o posto de saúde da família a qual pertence. Naquela ocasião, foi pedido para apresentar os atestados vacinais de sua família, bem como avaliada suas condições de saúde, diante do fato de possuir algumas comorbidades.



Por esta combinação de fatores, a pequena Ilha que Resiste dá exemplo ao mundo de como combater a pandemia, com êxito e determinação.

Estas foram as razões pelas quais não somente cumpri as medidas sanitárias que me foram destinadas, como as elogiei. lamentavelmente, em meu País de origem eu não posso dizer o mesmo.



**18 A ÚLTIMA MANHÃ NA CIDADE DE MARTA  
ABREU E DE CHE GUEVARA E O RETORNO AO  
BRASIL**

A pandemia tem alterado a forma como entendemos e nos situamos em um mundo globalizado e interconectado. Como medida sanitária, o protocolo exigido na Ilha caribenha ordena a realização de um PCR nas 72h antes de saída do País. Insta observar que é de todo razoável a apresentação do PCR para ingresso. O cuidado para que os viajantes não estejam com o vírus e contaminem os passageiros e demais pessoas é uma elogiável regra de segurança adotada por Cuba.

Feito o exame, com a apreensão de que, em dando positivado, todos os planos seriam alterados, uma vez que ingressaria em quarentena obrigatória, o resultado em cinco minutos revela a (ainda) não contaminação com o vírus.

Tudo rápido, realizado pelo serviço médico existente na própria Universidad “Marta Abreu”. Ao final, como se fosse um troféu, ganhei a plaqueta em que repousa o resultado do líquido demonstrando o aval para continuar a viagem.

Dia anterior já tinha arrumado a mala que retornaria ao Brasil. Interessante que vim com duas malas e retornei com uma apenas. Minha bagagem diminuiu pelos medicamentos que deixei, bem como outros pertences os quais resolvi me desapegar e deixar também. Percebi que 70% das roupas que levei eu não usei, na desconfiança de que o capitalismo selvagem que nos é imposto nos conduz ao

consumo e cria necessidades que, na verdade, não precisamos para bem viver.

Por certo que, se tivesse feito como as dezenas de turistas brasileiros que estavam comigo no voo e fizeram conexão no Panamá com destino à Miami, eu teria mais sacolas e bolsas agregadas quando do retorno ao Brasil. Não é este o caso da Ilha. Não existem shoppings, megalojas, atrativos e apelos consumistas. Não mais pode-se adquirir alguma artesanian local ou levar, como o fiz ao exagero, claro, muitos e diversos charutos cubanos para mim e para regalar aos amigos.

Tinha pouco mais de duas horas antes do almoço na casa da família do Prof. Jaime Ruiz, que me recebeu todos estes dias para as refeições regulares. Mas precisava ir mais uma vez ao centro de Santa Clara. Precisava passar mais uma vez, das tantas incansáveis e não cansáveis vezes em que olhei o trem tombado e a escavadeira Caterpillar amarela exposta na LomadelCapiro. Assim o fiz!

Por sorte, pois o sistema de transporte público é um dos grandes problemas em Cuba, uma motoneta estaciona. Descem algumas pessoas e outras oito, comigo, preenchem o pequeno lugar que se agiganta e acolhe a todos que aguardavam na pequena fila.

Fiz uma viagem, nos quase 10 km que separam o campus do centro da cidade, de rememoração e, confesso, de saudades. Estava há duas semanas na Ilha. Tinha um duplo sentimento: uma vontade terrível de voltar ao Brasil, pois tudo de mais rico e precioso que tenho está aqui, e uma vontade imensa de ficar ali, naquele lugar em que tanto refleti e aprendi.

Na ida, passei pelos vários micros comerciantes que expõem suas (ou não) produções. São muitos, diversos. Algumas tendas maiores, embora ainda pequenas, mas bem estruturadas, que vendem

outros produtos, certamente regularizadas e formalmente reconhecidas enquanto tal.

O motorista da motoneta, um jovem rapaz com um cabelo da hora, bem-vestido, apresentava graxas nas suas mãos, pois certamente tinha que ser o próprio mecânico do veículo que lhe garante o sustento.

No caminho, muitas bicicletas (menos Martita que eu já havia me despedido no dia anterior), carroças que faziam o transporte de passageiros, mais motonetas, muitas motonetas, caminhões também transportando trabalhadores e alguns ônibus mais antigos, com estudantes e outras pessoas. Um desfile de carros antigos. Um cenário de dificuldades, com certeza, mas não de miséria e de vulnerabilidades como encontramos no Brasil. Neste período todo em que permaneci na Ilha, observei somente um ancião pedindo moedas na Praça Vidal. Nenhum pedinte nas esquinas. Nenhum morador em situação de rua. Absolutamente nenhum!

Em todos os locais, a bandeira de Cuba e alguma lembrança da Revolução de 1959, cuja Santa Clara foi cenário decisivo para derrubada da ditadura de F. Batista.

Talvez seja esta uma das boas razões do processo de resistência ao modelo (imposto) capitalista, a qualquer custo. Todos, em alguma ou outra medida, sabem quais são as razões que movem os Estados Unidos da América a impor um insano bloqueio à Ilha, como forma de penalização por não participarem do “seu” mundo.

Certamente são por estas razões que o povo ainda resiste, com uma organização e debate democrático que prioriza o local, os municípios e bairros. Sabem os altos custos de um capitalismo excludente, cuja riqueza produzida pelos trabalhadores terminam apropriadas por um pequeno grupo.

Hora de retornar. As 15h30, o simpático Alexander estaciona seu táxi ano 1960, para me conduzir até o terminal rodoviário em Santa Clara. Jaime me acompanha, pois vai visitar sua filha Lienny que já estava em trabalho de parto há uma semana em um Hospital no centro da cidade. Em Cuba as cesáreas são exceções.

Falamos de pescarias, de remo (minha outra atividade libertária). O jovem e animado Alexander me conta que faz outros trabalhos além de motorista. É chapista, possui um pequeno sítio em que produz, vindo a pescar e a vender o excedente. Diz que em Cuba “a pessoa tem que buscar seu próprio alimento”, e ninguém deixa de trabalhar pois sempre tem o que fazer.

Longa viagem de ônibus até Havana. Já eram quase onze horas quando cheguei. Agora já com pesos cubanos fiz uma boa refeição, pois saberia que não iria comer nas próximas horas (não sabia que seriam muitas horas). Aguardaria até as 4h da manhã para fazer os procedimentos de embarque. Não sabia que passaria a noite nos bancos do aeroporto José Martí.

Não consegui embarcar. Em tempos de pandemia é necessário ter cuidado redobrado na documentação exigida. Faltou um documento da ANVISA que deveria ter preenchido 24h antes. Agora não daria tempo. Perdi o voo. O vazio. E com o tempo veio o desespero.

Para fazer qualquer procedimento precisava de celular com internet. Celular, por enquanto, tinha. Internet não tinha, pois entreguei o chip da Universidad que usara nestes dias enquanto estudante universitário. A obediência ao procedimento protocolar foi aplicada com severidade na hora do embarque. A regra da ANVISA, cujo documento era exigido para o embarque, não poderia ser quebrada. Concordei, pois estavam totalmente corretos, ainda mais em se tratando de regra sanitária.

A internet foi resolvida, precariamente, por meio da compra de cartões pré pagos por 25 pesos cubanos. Ocorre que eram baratos, mais duravam pouco tempo pela intensidade do uso, pois minha família no Brasil tentava fazer o requerimento para me enviar. Foram 5, talvez 7... perdi as contas dos cartões usados.

Já na madrugada, exausto, depois de cochilar em uns dos poucos bancos existentes no aeroporto, tento novamente estabelecer contato com o Brasil, quando descubro que já estava sem bateria. Com carregador, mas sem ter como ligar, pois a tomada é diferente de nosso sistema, de dois pinos redondos. E sem adaptador ou possibilidade de comprá-lo, após percorrer uma via sacra puxando a pesada mala pelos saguões do aeroporto.

Um funcionário o qual abordei, ao que parece de origem africana, falou em inglês comigo dizendo que ficasse calmo pois isso era fácil. De pronto me indicou o local em que teria, no primeiro andar do aeroporto, um lugar em que encontraria uma forma de carregar o aparelho. Pensei na falta que fazia agora meu potente carregador de aparelhos. Deixei de presente ao Prof. Jaime e suas filhas, que também são professoras em “Marta Abreu”, pois sei que devido ao estúpido bloqueio estadunidense eles não têm acesso a estes equipamentos.

Seja na compra do cartão, em que a recepcionista do aeroporto me deu todos os informes e auxílio no uso, seja na busca de um único lugar em que tinha tomada de dois pinos compatíveis, seja nas várias vezes em que busquei apoio nas moças da Copa Airlines, que já me conheciam e me chamavam pelo nome, em todas as ocasiões sempre fui bem tratado. Em alguns momentos desconheci que estava em Cuba. A forma como agimos, tratamos os outros e buscamos resolver os problemas, são muito similares. Tal como o povo brasileiro, muito

afeto, muito sorriso, muito agrado e bom senso. E muita paciência também, por certo.

Após recarregar minimamente o celular, com uma internet que iria acabar em pouco tempo, fiz uma mensagem de emergência aos meus amigos professores de Santa Clara. Pedi que enviassem alguém da Universidade de Havana, pois estava na condição de estudante em Cuba, de modo a me auxiliarem naquele momento difícil.

As 9h da manhã, acordei de um sono de algumas poucas horas, feitos em cima de uma sequência de três bancos no aeroporto, fui à quiche da Copa para avaliar a situação. Desanimado, cansado, armando as estratégias para permanecer alguns dias em Havana, pois pensava que o formulário da ANVISA iria demorar alguns dias para ser emitido, tomei coragem e fui até o local indicado na fatídica noite anterior.

Retornei mais uma vez à quiche da Copa Airlines, quando exitosamente minha querida Ana Maria me disse ter enviado o formulário que iria possibilitar o regresso no próximo voo. Mais uma vez fiquei sem internet. E também sem pesos cubanos para comprar. Os cartões que tinha, Visa e Mastercard, devido ao bloqueio que perdura mais de sessenta anos, impede sua utilização na Ilha. No desespero, pois precisada ter internet para acessar o documento, perguntei a dois comerciantes que embalam as malas no aeroporto se existia câmbio para trocar dez euros por pesos cubanos. Sabia que o câmbio oficial não condiz com as regras do mercado, estando 1 por 24. Apontaram a direção, mas adiantaram que podiam me ajudar e pagariam mais que o câmbio, fazendo 1 por 30. Feito!

Quando retornei, encontrei o Prof. Rocha, da Universidade de Havana, encaminhado por meus colegas para me auxiliar nas estratégias de permanência na capital de Cuba.



A atendente, com uma firmeza e convicção animadora, disse ao seu conterrâneo: “não se preocupe, este senhor vai retornar ainda de manhã para o Panamá”, país sede da Copa em que são feitas as conexões para o Brasil.

Sabia que estava dizendo a verdade, razão pela qual dispensei o diligente e simpático colega que conhecia naquele exato momento de dificuldade. Nos despedimos como se fôssemos amigos de longa data, restando prometida uma visita à sua Universidade.

Promessa cumprida. Voltaria ao Brasil.

No longo retorno, muitas lições aprendidas na pequena Ilha caribenha que ainda resiste. Esta lição final, em que encontrei pessoas que me auxiliaram em um momento difícil, agravado pela pandemia que não perdoa nenhuma nacionalidade ou condição social.

Quando do voo de retorno, após mais de 13h de voo de Havana à Porto Alegre, descontando a pequena escala no Panamá, percebi algo curioso na tela da viagem de bordo, constante do avançado equipamento de entretenimento da Copa Airlines. Não tinha percebido, até o momento, que não consta o nome de Cuba no mapa. Consta Miami, Cancun e outras localidades. Mas Cuba literalmente está fora do mapa.

Pode parecer simbólico, mas penso que essa é a mensagem que fica: o bloqueio não é só econômico. É um bloqueio sistêmico, em todas as áreas e setores. Até mesmo a produção das vacinas cubanas, cuja eficiência e confiabilidade são atestadas por todos os órgãos internacionais, foram atrasadas pelo bloqueio aos navios que traziam insumos da China.

Mas a Ilha não desiste e resiste!

Ao chegar hoje na Rodoviária de Porto Alegre, para pegar o último ônibus que me levaria até Pelotas, contei sete pessoas dormindo ao relento da calçada que dá acesso ao terminal. Sim, em menos de vinte passos dados, sete vidas estendidas no chão, em situação de penúria total. A maioria jovens, sem rumos, sem destinos. Noite anterior, ao ir para o Hotel, um policiamento militar fortemente armado revistava três carregadores de lixo reciclável. Sem camisas, mãos para cima da cabeça, sua carrocinha estacionada indicava que se tratava de pessoas em situação de rua. Pedintes, muitos, nos semáforos da cidade.

Então, quando alguém lhe disser para você ir para Cuba, siga a orientação generosa (ou não) que lhe foi dada e vá! Viva para entender por que Cuba ainda Resiste.



IGREJA DEL CARMEN: começo da cidade de Santa Clara



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA: mais um legado de Marta Abreu, o terminal ferroviário, datado de 1860, ainda em pleno funcionamento



TEATRO LA CARIDAD: mais um legado de Marta Abreu.



ESTÁTUA de Marta Abreu, na Praça Vidal: uma homenagem à mulher que marcou a história de Cuba e da Revolução de 1959. Momento em que a Speed canadense que utilizei ganhou o apelido carinhoso de “Martita”.



ALA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA da UCLV: prédio em que foi planejado em dezembro de 1958 a Batalha de Santa Clara. No muro ao lado encontramos a estratégia utilizada para arrancar os trilhos e cortar a energia elétrica para isolar as tropas de F. Batista.



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA: a foto do lado direita revela um fato interessante em que Che Guevara aceita o título de Honoris Causae da UCLV desde que não usasse as vetustas togas pretas.



**SALA DE HISTÓRIA:** local ocupado em dezembro de 1958 por Che Guevara, como sede para organizar a batalha final de Santa Clara.



**PARALELAMENTE,** no mesmo prédio, Che Guevara construiu um Hospital de Campanha para tratamento dos eventuais feridos na batalha que viria. Passados sessenta anos a Universidad Central “Marta Abreu” de Las Villas volta a ter novamente Hospitais de Campanha para o enfrentamento da pandemia do Covid-19.



UMA UNIVERSIDADE QUE ABRIGA BUNKERS:  
encontrados no campus da UCLV, construídos na década de  
1970 para proteger a população de possível ataque norte-  
americano





MUSEO “ACCIÓN CONTRA EL TREN BLINDADO”:  
local em que a Coluna “Ciro Redondo”, coordenada por Che  
e Camilo Cienfuegos conseguiram, com 300 homens, vender  
os 3000 soldados de F. Batista.



MARCAS DAS BALAS no vagão descarrilhado, exposto  
no Museu.



EMPILHADEIRA CARTEPILLAR utilizada para arrancar mais de 30 metros de trilhos, além de cortar a rede elétrica.



**HOTEL SANTA CLARA LIVRE:** nas suas paredes encontram-se as marcas das balas disparadas na Batalha de Santa Clara. Embaixo funcionando o Cine Camilo Cienfuegos.



**HOTEL DEL SUICO:** construído ao lado da estação férrea para alojar professores e viajantes.



ESCOLA DE MAESTROS, hoje uma escola primária. Na frente uma frota de carroças-táxi, muito utilizadas para trajetos curtos.



EMPRESA PÚBLICA/ESTATAL UNE-SANTA CLARA. Mais uma benfeitoria de Marta Abreu que, desde 1894, garante a energia para o povo.



ENERGIA ELÉTRICA: slogan impactante. Os recursos naturais não são privatizados pois são de todos.



**MAUSOLÉU DEL CHE GUEVARA:** entrada do complexo construído pela população de Santa Clara em homenagem ao médico/guerrilheiro argentino que mudou a história de Cuba e do socialismo mundial. Nele encontram-se os restos mortais de Che e seus 16 guerreiros mortos na Bolívia em 9/10/67.



VISTA DA FRENTE DO MAUSOLÉU



ANEXO DO MAUSOLÉU onde encontram-se enterrados militantes mortos durante e após a Revolução e as lutas independentistas. Ao lado direito encontram-se a chama acessa por Fidel Castro em 17/10/1997, sempre renovada.





INSCRIÇÃO encontrada no anexo do Mausoléu, que originou o slogan atual do “Patria o Muerte”.



PROPAGANDA colada na porta dos apartamentos das unidades habitacionais da Universidade, convocando a todos para participarem da votação da Constituição de 2019.



FOTO DE CHE GUEVARA em azulejo nas imediações da Loma del Capiro.



PRODUÇÃO DE ORGANOPÔNICOS “Sementes de Combatentes”. Percebe-se no tanque de armazenamento de água a frase clássica de CHE: “Hasta la victoria siempre”.



**CARROS ANTIGOS** fazem ponto como Táxi no estacionamento do Aeroporto José Martí.



**AGRICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVISMO:** agricultor mostra sua plantação em economia familiar, de forma cooperada e com auxílio dos projetos de extensão da UCLV.



TREM transportando óleo diesel e outras cargas cruza pela plantação rumo a Santiago de Cuba. A malha ferroviária é um dos pontos fortes, o que incluiu transporte de passageiros.



**AGRICULTURA FAMILIAR E COOPERATIVISMO:** agricultor mostra sua plantação em economia familiar, de forma cooperada e com auxílio dos projetos de extensão da UCLV.



**TREM** transportando óleo diesel e outras cargas cruza pela plantação rumo a Santiago de Cuba. A malha ferroviária é um dos pontos fortes, o que incluiu transporte de passageiros.



ESTUDANTES chegando na UCLV: várias e alternadas formas de transportes suprem um déficit no setor.



CONSULTÓRIO MÉDICO DA FAMÍLIA: organização territorial que garante o atendimento domiciliar das famílias nas circunscrições demarcadas. A numeração corresponde aos números das residências abrangidas. Saúde de ótima qualidade, pública e gratuita.





PEQUENO COMÉRCIO de venda de hortigranjeiros.



CAMPO DE FUTBOOL na Universidad “Marta Abreu” de Las Villas. Similar ao Brasil, um dos esportes mais apreciados.

===== **CUBA – A ILHA QUE RESISTE** =====



CONJUNTOS HABITACIONAIS para alunos da UCLV



CONJUNTO HABITACIONAL dos professores e técnicos-administrativos que residem na UCLV



Sede da Federação das Mulheres Cubanas: a foto de uma guerrilheira registra o foco da resistência que encontramos em toda a cidade de Santa Clara.



Paradouro situado na autoestrada que liga Havana à Santa Clara: a bandeira de Cuba está presente em todos os lugares.



Frente da Sede Regional do PCC, nas proximidades do Museo Aberto do Trem Tombado: as pinturas e frases vibrantes tornam atual um passado de resistência ainda presente.



FEIRA POPULAR no domingo. Comércio especialmente de produtos hortigranjeiros.



Parte interna de HOSTEL em Santa Clara: são dezenas de pequenas e belas hospedagens montadas em casas de particulares. Uma boa opção para os turistas.



AVICULTURA ALTERNATIVA: empresa pública de produção de ovos em Santa Clara. As inscrições no mural de entrada demonstram o trabalho em equipe e o sentimento de solidariedade e pertencimento dos que trabalham nestas empresas.



**RUA TÍPICA DE SANTA CLARA:** o casario antigo, datando de mais de quatro séculos, com suas calçadas minúsculas e as ruas calçadas com paralelepípedos antigos, permanecem na memória de quem passa por aqui.